VERSOS

DE UM SIMPLES

1886-1891

Guimarães Passos.

VERSOS DE UM SIMPLES

GUIMARÃES PASSOS

VERSOS

DE UM SIMPLES

1886-1891

PREFACIO DE LUIZ MURAT

Le jour où l'Hélicon m'entendra sermoner,
Mon premier point sera qu'il faut déraisonner.

A. DE MUSSET.

RIO DE JANEIRO

MDCCCXCI

PREFACIO

Que é a arte e especialmente, a poesia?

Não será uma loucura gloriosa? Uma irradiação mystica, uma ancia de tocar a sombra que foge, a luz que se precipita, o gorgeio que se ouve, mas que se não póde vêr, o sorriso, que é a contorsão de uma lagrima; a lagrima, que é o guia do sorriso, como Virgilio o foi do Dante, emfim, tudo que é impalpavel, que é immaterial como a luz, como a sombra, como o gorgeio?

Conta a legenda, que Simão, o Magico — o creador da gnose — e contemporaneo dos apostolos, encontrando-se um dia, n'uma estrada, com Pedro, disse-lhe:

— « Toma este ouro e concede-me o dom de fazer milagres. »

O apostolo repelliu a proposta e Simão começou a estudar a sciencia dos milagres.

Eis um simile.

A arte é como o apostolo: não ha ouro que a compre, não ha ouro que a deslustre, não ha ouro que a corrompa.

Ella está no artista; o artista vive para ella; dessa intima affinidade, dessa irreductivel consubstanciação, revelando-se a cada passo por uma nova conquista, fórma-se esse caracter inherente á arte, de ser absoluta, de ser coexistente, em todas as miragens e em todas as perspectivas; de ser syntheticamente a fórma unica de todas as fórmas.

Que semelhança entre ella e a Ennoia, da legenda! que compunha com o gnostico o casal sagrado!

É a intelligencia na sua mais pura revelação, na sua mais allucinadora apótheose, ostentando-se tão bella como esse primeiro peccado da mulher

Ama com paixão, não se prostitue ao contacto dos homens; seu vôo acompanha o passo lento e incerto daquelle a quem se entregou desde o berço; sem macular o brilho das suas roupagens sóbe ao leito do lupanar ou desce á relva macia dos valles.

Em Homero é Helena, em Dante é Francesca, em Shakspeare é Julieta, em Musset é Maria.

Quando a monarchia de Roma rolava por terra despedaçada e sinistra, ella estava de pé sobre as suas ruinas; quando se ateou o incendio de Troia, ella trazia o facho na mão, e foi o Christo do seu sexo, porque, no dizer de um escriptor celebre, para resgatar as mulheres, soffre o que se póde soffrer de peior na terra — a deshonra, como Jesus Christo soffreu o que ha de mais ignominoso para o homem, — o patibulo.

*

A arte é isso em dois traços.

Crear, eis tudo.

Antes de mais nada, é preciso que o poeta sinta, é preciso que o poeta commova, é preciso que o poeta acaricie a sua propria magoa e ajoelhe-se junto da sua estrophe, como um crente diante do seu idolo.

Elle tem um ideal a realisar neste mundo ; tem o seu papel nesta peça que se representa ha muitos milhares de annos ; — contar aos outros a historia do soffrimento humano.

Lecomte é o poeta das civilisações mortas ; é opulento como as divindades antigas cuja legenda o bronze perpetuou. Musset é o poeta das agonias intimas, soluçadas por todos os que soffreram,

no silencio do seu gabinete de trabalho, como no symbolismo tragico do Evangelho a abnegação suprema do redemptor da christandade.

Não ha coração que não tenha tambem a sua odysséa.

Quanta miseria ! Quanta angustia ! Quanta desgraça atravez dessa longa viagem na não errante que se chama a esperança !

E á superficie do mar apenas boiam os destroços dos que se foram, assignalando mais uma victoria da natureza e mais um esforço perdido do homem !

*

Todavia a arte conspira contra essa estupida e céga inimiga que nos bloqueia, que nos aperta em seus braços para nos esmagar.

Muitas vezes arranca ás suas entranhas o segredo das suas forças ; põe em relevo as formas que sepultou nos seus vastos e mysteriosos hypogeos, e, aclarando uma grande parte dos seus escuros e tortuosos labyrinthos, expõe ao olhar humano os seus inexgotaveis thesouros.

O trabalho artistico é como o trabalho do oceano ; faz-se por lentos e penosos processos.

Quantos annos para formar uma perola!

Quanto esforço para compôr um soneto!

Apezar, porém, de toda essa labutação incessante, muito se tem feito, e hoje é verdadeiramente admiravel o nosso erario artistico ao lado do que nos trouxe a tradição pastoril e guerreira dos primitivos debuxos e xacaras.

Com razão deve orgulhar-se a Italia, por exemplo, ao confrontar as obras de Verocchio e de Miguel Angelo, na egreja de São Lourenço, com a madona de Guido, pintada em 1271, epocha em que a pintura perde já um pouco os grosseiros e primitivos traços da arte mecanica de Bysancio.

A evolução tem d'esses choques inesperados.

Quando menos se espera, irrompe do seu seio alguma cousa que se perpetúa: — um quadro, uma estatua, uma ode. São a materia prima das civilisações.

Um povo que não tem um poeta ou um pintor para espalhar pelo mundo os seus feitos, ou reproduzir os seus desfallecimentos, n'um certo estadio da sua evolução, será um agrupamento amorpho, mas nunca um povo.

*

« Como o homem tem crescido e soffrido, exclama Taine !

« Como formou e destacou sua concepção original da vida ! Eis a arte moderna, inteiramente pessoal, salientando um individuo que é o artista, em opposição á arte antiga absolutamente impessoal, patenteando uma cousa geral que é a cidade. » — Mais adiante : « A consequencia é que para um artista a primeira condição é ser uma pessoa, senão, nada exprime. »

Para resumir em quatro palavras a differença entre a arte antiga e a arte moderna, cita a opinião de um italiano com quem conversara n'uma das suas viagens : « Outr'ora os artistas pintavam com as paixões que tinham, hoje pintam com as paixões que crêm ter ; eis porque, depois de terem feito homens, fazem phantasmas de homens »

Querem ver um poeta impessoal ? — Homero ; um poeta pessoal ? — Dante. A mesma differença encontra-se entre Sophocles e Shakspeare, entre Hugo e Musset.

Quanto a mim, se me é dado externar aqui a opinião que fiz sempre a respeito dos poetas, lhes direi : — Não supporto a declamação banal e vasia dos poetas demagogos e scientificistas.

Conservei sempre para meu uso particular essa bellissima sentença de Alfredo de Musset :

> *Douter si vous voulez, de l'être qui vous aime,*
> *D'une femme ou d'un chien, mais non de l'amour même;*
> *L'amour est tout, — l'amour, et la vie au soleil,*
> *Aimer est le grand point, qu'importe la maîtresse ?*
> *Qu'importe le flacon, pourvu qu'on ait l'ivresse ?*
> *Faites-vous de ce monde um songe sans réveil.*
> *S'il est vrai que Schiller n'ait aimé qu'Amelie,*
> *Gœthe que Marguerite et Rousseau que Julie,*
> *Que la terre leur soit légère ! ils ont aimé.*

Elles amaram, por isso foram grandes.

O amor é a unica aspiração, é a unica força.

E' mister que se ame, é mister que a alma se expanda em torno de um ideal ; que o consiga ou não, — pouco importa.

Werther ou Socrates — eis ahi.— N'um a explosão voluptuosa e egoista do suicida achando na morte a satisfação do goso que não póde encontrar na vida ; n'outro o extase divino, o amor que, para triumphar dos seus inimigos, para resurgir envolto na fulgurante apotheose da sua immortalidade, não trepida em sacrificar mais uma victima e em recolher para a sua chronica de crimes a ultima palavra do sabio, ainda mesmo que essa palavra seja um protesto e esse cadaver uma bandeira.

*

Ha duas especies de artes : a theatral, a falsa, a pretenciosa, sem domicilio certo, exposta aos temporaes, ás grandes revoluções seculares, que derrocam a vetusta frontaria dos templos e abalam as montanhas até as profundezas do sólo.

Essa é pasmosamente ridicula, e vae desapparecendo a proporção que a outra, a sua rival, domina o mundo, e liga um seculo a outro como élos de uma mesma cadeia.

Uma faz macacos, a outra — homens.

Guimarães Passos é um dos poetas mais sinceros que possue o Brasil moderno.

A sua penna só sabe traçar a verdade, o que se passa dentro de sua alma, d'uma maneira tão simples, tão natural, que se tem vontade de acompanhar o seu canto para aprender com o poeta a cadencia, o segredo da modulação.

Quando se começou a saber nesta terra, que o verso se não devia ataviar com ridiculas e exageradas roupagens; quando se começou a derrubada dos iniciadores da poesia de calções amarellos e botas envernisadas do fallecido Banville; quando se começou, emfim, a lêr Musset e estudar Shakspeare e os chimericos *abandonaram as suas fileiras para se alistar nas dos seus inimigos,*

Guimarães Passos já procurava moldar a sua lyrica pelo estalão da dos grandes mestres.

A sua natureza affeiçoada ao que é simples e natural, dobrava-se facilmente á magia do cantar de outros vates que fizeram do seu coração uma especie de vaso symbolico, de onde subia para o céo a fumaça doirada das esperanças, dos sonhos adolescentes.

Já a su'alma envenenada pela descrença e pelo pessimismo do seculo, exclamava :

> *Morte, ha no mundo tanta dor contida*
> *Que, tu, que findas todo o bem do mundo*
> *E's a coisa melhor que ha nesta vida !*

Já a paixão lhe accordava o espirito desoccupado e feliz e o verso vinha-lhe ingenuamente ao plectro e modulava :

> *Claés, que mão divina as cordas brande*
> *De guzla de ouro, cujo som não finda,*
> *Se a tua voz em borbotões se expande ?*

E tremulo, ao frio contacto dos gelos que lhe murchavam temporões os fructos n'alma meridional e fogosa, voltava-se para a sua companheira de sonhos, para a sombra dos seus versos, envolvidos na estamenha de fingido perdão, e continuava :

Maldize, pomba, a sorte desalmada,
Que me fez o homem mais feliz do mundo
Fazendo-te a mulher mais desgraçada.

Bastar-me-ia apenas citar estes versos para que o leitor desvendasse toda a original e apaixonada alma deste poeta.

Elle é como Musset, tem uma divisa — o amor. O que é preciso é que o poeta ame — ou a bandeira da sua patria ou o sorriso da sua amante. Porque, segundo certa maneira de vêr, o amor, no fundo, é homogeneo, é irreductivel em todas as suas partes e em todas as suas relações.

*

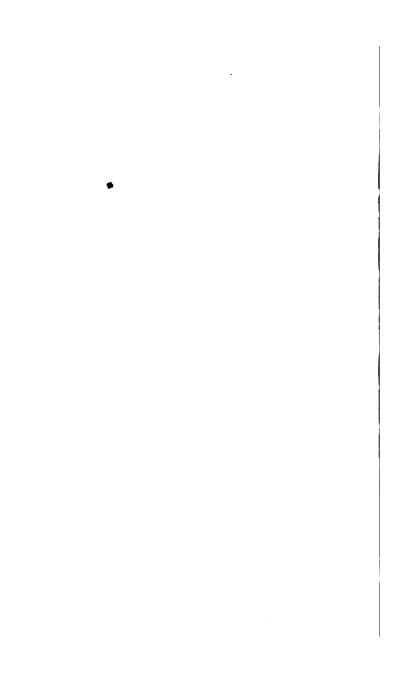
Não quero tomar mais tempo ao leitor, — o poeta ahi vem com a sua alma illuminada e festiva; triste como a noite, clara como o dia.

Desvendem-lhe os segredos, amainem-lhe o chôro á harpa. O oceano tambem precisa do carinho da brisa, depois das flagellações das tempestades.

Contam os biographos de Schiller que no momento preciso em que o grande poeta ia ser enterrado, chovia copiosamente como durante o dia. Grossas nuvens amontoavam-se no espaço; alguns amigos carregavam o feretro sagrado. Quando

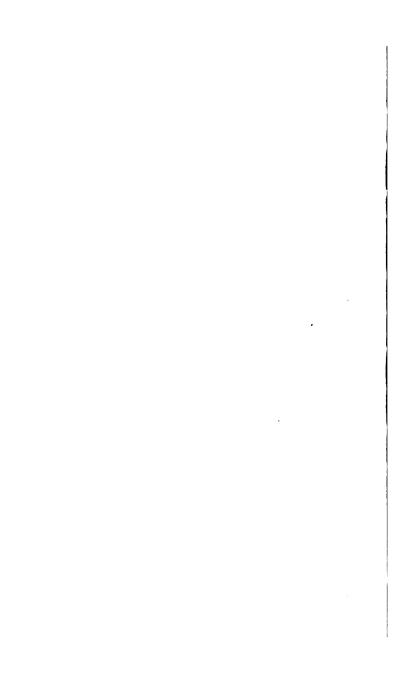
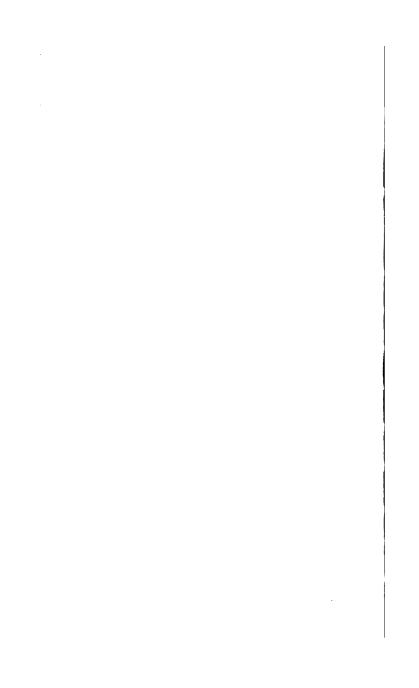
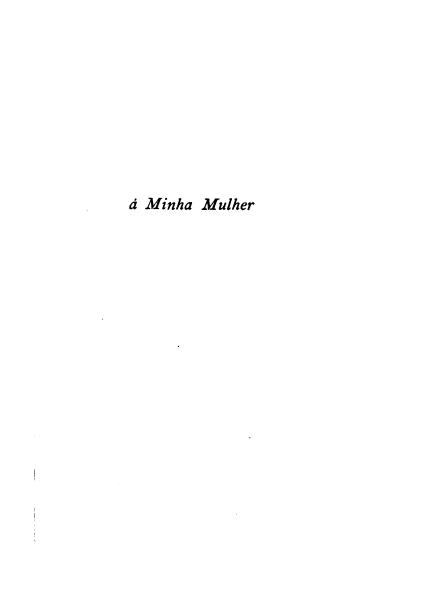
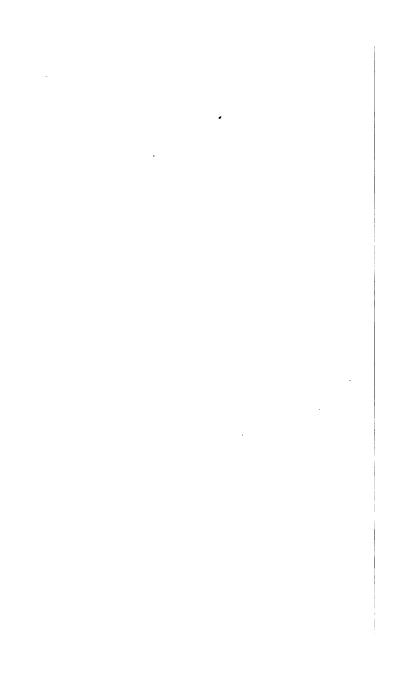
porém, depuzeram o caixão na cova, as nuvens se abriram repentinamente, a lua appareceu e um doce raio aclarou a tumba do poeta. A poesia é como esse raio de lua : rompe as nuvens do céo e penetra-nos no coração como se o coração humano fosse como o tumulo de Schiller.

Setembro de 1891.

LUIZ MURAT.

Entendei que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento dos meus versos.

CAMÕES.

I

á Minha Mulher

I

ESTRELLA D'ALVA

SONHO DE UMA MANHÃ DE ESTIO

á Baroneza de Mamanguape

> Après avoir souffert il faut souffrir encore,
> Il faut aimer sans cesse après avoir aimé.
>
> A. DE MUSSET.

Desmaiavam no azul as ultimas estrellas...
A terra, silenciosa, ou sonhava ou soffria;
Palpitavam de amor as florinhas singelas,
Tremulas, destoucando as petalas, tão bellas,
Que, para as não ferir, a propria brisa, ao vel-as
Passava devagar e as azas encolhia.
Sómente no horizonte esbranquiçado, presa,
Lagryma triste e eterna, eternamente acceza,
A branca estrella d'alva ainda resplandecia.

Como é doce a manhã quando a gente caminha
Longe dos homens vis, perto do olhar de Deus;
Quando ainda não corta o espaço uma andorinha,
Só sobre a terra, só sob a face dos céos!
A natureza, então, nos parece tão grande
Que, cremos, sem querer n'uma força maior,
E a alma dentro de nós abre as azas, se expande
E acorda o coração engolphado em amor.

Astro saudoso e fiel, estrella peregrina,
Que fizeste no mundo, antes de seres luz?
De que corpo immortal tu foste a alma divina,
Que ao céo subiste, quando elle subiu á cruz?
Que fizeste na terra, onde brilhaste tanto
Que, hoje, livre da terra, ainda rutilas mais?
Bemdito sejas tu, astro saudoso e santo,
Niveo lyrio de luz, consolo dos mortaes.

Tu, que tão longe estás, que do alto firmamento
Pódes mais do que nós interrogar os céos;
Tu, que da altura vês o humano soffrimento,
Que, soffreste, talvez, o que ninguem soffreu;
Abre a garganta de ouro, a voz mysteriosa
Derrama pelo azul, falla d'essa amplidão,
Diz'-nos onde termina a via dolorosa,
Onde palpitará feliz o coração.

E aos meus olhos de crente, em mais fulgor subindo
O astro baixou á terra, e eu vi-o, de repente,
Em fórma de mulher, alvas azas abrindo,
N'ellas arrebatar-me acceleradamente.
Subimos... Ninguem póde imaginar a altura
Que venci lhe beijando os pequeninos pés;
Quem póde imaginar toda a minha ventura,
Quando a sós me encontrei nos teus braços Claés?

Como é doce viver sabendo-se que existe
Quem se inquieta por nós e captivo nos traz;
Quem fica triste ao ver o nosso rosto triste,
Quem nos ordena, e, alegre, o que ordenamos faz.
Quanto orgulha saber que a nossa alma resume
Duas almas que tem o mesmissimo ardor;
Quanto um homem se eleva ao despertar o ciume
Dentro do coração que lhe desperta o amor!

Claés! que nos importa a vida que perdemos
Antes do nosso olhar prender-nos desta sorte?
Nossa vida começa agora, que vivemos
Sómente pelo amor, sem receio da morte.
Hoje somos um só; morra no negro olvido
O tempo da loucura em que eu loucuras fiz;
Recobremos n'um dia esse tempo perdido,
Que, por seculos vale um minuto feliz.

E ella em seus braços nús apertava-me e ainda
Mais apertava-a eu, devorando-a de beijos.
E, rubra de pudor, então ficou mais linda
E mais vehemente ainda ao fogo dos desejos.
Voava-lhe a cabelleira, o corpo patenteando
Aos meus olhos de amante e á minha sêde louca;
Ella a tremer de amor, minha bocca beijando,
Eu de amor a tremer, beijando a sua bocca.

Fugiu do nosso olhar o mundo pequenino;
Fugiu do nosso ouvido o murmurio da inveja,
E eu repetia-lhe — ah! que balsamo divino
Sana-me as dores, quando o teu labio me beija!
E de novo collando as nossas boccas, tudo
Esqueciamos nós, sem receio de amar;
Mudos... Mas da mudez que divinisa o mudo,
Que olha com o coração e falla pelo olhar.

E emquanto da paixão no transporte sublime
Abrazados, a vida esquecemos, abrindo
Os olhos, vimos nós, como se fosse um crime
O nosso eterno amor, aos poucos nos cobrindo
Uma nuvem medonha e negra e carregada...
Claés! porque dos máos nos fomos distrahir?
E choraste de horror, ao meu corpo abraçada
E a nuvem torva e má quasi a nos engulir.

Toda a nossa ventura em magua transformou-se,
Fechou-se o nosso céo, era tudo amargura.
Nada mais! Nada mais! Todo o bem eclypsou-se,
Foi-se de um golpe só nossa vida futura.
Quem nos mandou julgar a simples apparencia
De um luzeiro fugaz limpido e claro dia?
Resignemo-nos pois, soffr̀amos com paciencia,
Bebamos sem tremer o calix da agonia.

Soffr̀amos sem gemer.. Quem neste baixo mundo
Póde fugir á malha invisivel da intriga?
Traiçoeira e cruel, fere ainda mais fundo
Quando fere com mão que julgamos amiga.
Aqui nos tens, não vês? mais depressa te achega
Nuvem da morte, vem, não nos verás tremer.
Vibra o teu odio e todo o teu veneno emprega;
Nada temas que, nós — não te podemos ver.

E a treda escuridão envolveu-nos de todo,
Tirou-me a luz do olhar e dos labios a voz,
E eu rolei pelo ar desamparado e doudo,
E encontrei-me na terra inteiramente a sós.

Horrivel pesadelo! Abro os olhos, acordo,
Firmo os passos no chão, registro em derredor,
Levo os olhos chorando ao céo e os labios mordo
Sufocando a mim mesmo a minha eterna dor.

Porque quero possuir-te, ó santa imaculada,
Que illuminas feliz, o espaço norte a sul!
Se a minha alma não tem para ter-te guardada,
Um perfumado altar, tão alto, como o azul?
Fulge no firmamento, enche de amor profundo
O triste coração que soluça e não ri;
Estás alta de mais para baixar ao mundo,
Estou baixo de mais para chegar a ti.

Perdeu-se a minha voz no barulho dos ninhos;
Subia para o céo o perfume das flores;
E appareciam já nos ethereos caminhos
Do sol os pontuaes e fulvos batedores.
E a branca estrella d'alva ante as nuvens de tyro
Começa a desmaiar, e ao vibrante arrebol,
No mais doce livor, morre, como um suspiro. .
E foge envergonhada aos amores do sol.

II

A mim que cheio de pezar vivia,
Ao proprio estado meu vivendo alheio,
Appareceste com o teu rosto cheio
De belleza, de amor e de alegria.

Emquanto o teu sorriso me feria
E a tua fala acorrentar-me veio,
Feriu-me a vista a curva do teu seio,
Onde o mais puro coração batia.

Entrevendo meus dias já perdidos,
Porque a esperança me roubava a calma,
A' tua encantadora apparição,

Fechei com medo os olhos e os ouvidos,
Porém já estavas dentro da minha alma,
Claés, já tinhas o meu coração.

III

SEMPRE

Se eu não te disse nunca que te amava,
Perdoa-me, mulher, sou innocente;
Eu vivia de amar-te unicamente,
Unicamente em teu amor pensava.

Se os meus labios calavam-se, falava
O meu olhar apaixonadamente,
Porque, se o labio occulta o que a alma sente,
Conta o olhar o que o labio não contava.

Meu rosto triste, meu scismar constante,
Meu gesto, meu sorrir, tudo exhalava,
Tudo exprimia um coração amante.

Em tudo o meu amor se denunciava,
Via-te em toda a parte e a todo o instante,
Se estavas longe, se comtigo estava.

IV

DUM SPIRO, SPERO

a Decio Freire

Rola o Simoun... Aos olhos do viajante
Que o sol escalda é intermino o deserto;
Aves não abrem limpido concerto,
Nem fresca sombra abriga-o um só instante.

Estala a areia ao passo fatigante;
A sêde torna-lhe o valor incerto;
Nem um oásis lhe apparece perto,
Nem um sorriso vem do céo distante.

Porém, talvez na ultima esperança
O oásis surge: é o coração da terra,
E o arabe feliz bebe e descança...

Porque a minha alma solitaria erra?
Ah! se ella um dia, finalmente, alcança
O doce oásis que o teu peito encerra.

V

VENTUROSA

Fosse eu falar-te da tristeza minha,
Das noites que, por ti, sem tregoas passo,
Olhasses linha a linha, traço a traço,
Sem perder um só traço, uma só linha,

A angustia que em meu rosto se adivinha;
Se me ouvisses contar tudo o que faço,
Na minha voz, mais tremula que o passo
Que, alta noite, por tumulos caminha;

Se n'um extremo o peito meu com as unhas
Dilacerasse e visses, creatura,
De tanta amarga dor tantas raizes;

Nem sei dizer-te aquillo que suppunhas :
Que, os felizes se julgam tão felizes
Que, não crêm na alheia desventura.

VI

Longe de ti, por todos perseguido,
Pulsa-me o coração desesperado;
Porque tanto castigo a um desgraçado
Em pleno peito pelo amor ferido?

Para sustar o vôo arrebatado
Que a teus braços levava-me rendido,
Cortam-me as azas da paixão; perdido
Julgam-me agora os teus, anjo adorado.

Claés, quem póde me impedir que, ausente,
Na agrura da saudade e do desejo,
Eu pense em teu amor unicamente?

Pensam que eu morro ou fico prisioneiro,
Cortam-me as azas da paixão, e eu vejo
Que o amor sem azas vôa mais ligeiro.

VII

AMOR

a Alexandre Ratisbona

Não se confunda amor com alegria,
Porque no amor o real contentamento
E' gozar-se o prazer do soffrimento,
Soffrer-se o gozo da melancolia.

Sol vê-se á noite e estrellas vêm-se ao dia,
E quando nos sorrimos um momento
E' que no peito o atroz padecimento
Lavra e mais forças, indomavel, cria.

Dá vida, mas a vida d'elle vinda
Excede á morte em dor, porque não finda
A gente, porém finda a nossa vida.

Cuidamos bem, quando só ha crueza,
Porque, no amor é cousa conhecida:
Alegria maior, maior tristeza.

VIII

TEU LENÇO

a Alcindo Guanabara

Esse teu lenço que eu possuo e aperto
De encontro ao peito quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-t'o, pois roubei-o
E foi meu crime, em breve, descoberto.

Lucto, comtudo, a procurar quem certo
Possa n'isto servir-me de correio;
Tu nem calculas qual o meu receio,
Se, em caminho, te fosse o lenço aberto...

Porém, ó minha vivida chymera!
Fita as bandas que habito, fita e espera,
Que, emfim, verás, em tremulos adejos,

Em cada ponta um beija-flor pegando,
Ir o teu lenço pelo espaço voando
Pando, enfunado, concavo de beijos,

IX

SIMPLICIDADES

Se em ti os olhos não ponho,
Se passo um'hora sem ver-te,
Dizer-te que acho medonho
O mundo, é nada dizer-te.

O sol não morre, nem brilha,
E, mesmo como brilhar,
Se todo o fulgor se humilha,
Distante do teu olhar?

No momento em que te deixo,
Deixa-me toda a alegria;
A porta dos olhos fecho,
Por que não vejo o que via.

O amor as almas eleva,
Mas eu por causa do amor,
Caminho dentro da treva,
Por guia só tendo a dor.

De que me serve a ventura
De te amar e ser amado,
Se vivo a tua procura,
Sem nunca ver-te ao meu lado?

Longe de ti é tão triste
O mundo e o que o mundo tem,
Que. eu penso que não existe
Nem mundo, nem luz, nem bem.

Além de ti não conheço
Nada, apenas quero ver-te,
Se te vejo tudo esqueço,
Não tenho nada a dizer-te.

Mas emquanto eu te contemplo
Mudo, ó formosa Beatriz!
Meu coração dá-me o exemplo,
Dizendo o que ninguem diz.

Meus olhos, aureolados
Pela luz do teu olhar,
Devoram-te (mas, coitados!)
Sem nunca te devorar.

Eu vivia alheio ao mundo
Quando tu me vieste ver;
Deste-me um golpe tão fundo
Que, estive quasi a morrer.

Porém de amor não se morre,
E' que, é tão forte a paixão
Que, se a paixão nos occorre
Salta-nos o coração.

E quando cremos que ouvimos
O nosso corpo cahir,
Enlevados nós subimos
Sem que o possamos sentir.

Emquanto tu me julgares
Digno de amor e de ti,
Eu não terei mais pezares,
Nem, mesmo, os que já soffri.

E's meu unico desejo,
Ah! fosse o desejo teu!
Que, nas azas do teu beijo
Minh'alma voaria ao céo.

Mas não demores distante...
Meu peito, que em ti só crê,
Se estás longe, agonisante,
Dilacera-se, porque

Se em ti os olhos não ponho,
Se passo um'hora sem ver-te,
Dizer-te que acho medonho
O mundo, é nada dizer-te.

X

EBRIO

Querem que eu ria, que o prazer alheio
Seja meu, que o partilhe e o acompanhe;
Que a ventura que banha aos outros, banhe
Meu negro peito de tristeza cheio.

Seja! bradei; nenhum de vós extranhe
Mais n'esta roda um rosto triste e feio;
Quero beber e rir, pois já não creio
Senão que, existem males e champagne.

E uma taça apóz outra fui bebendo;
Sempre bebendo, vi dansar a meza,
E os meus convivas fui desconhecendo.

Ebrio afinal, cahi... mas não sosinho:
Commigo estavas, porque a natureza
Do meu amor, embriaga mais que o vinho.

XI

MYSTICA

a Mario de Alencar

Como aerea visão, leve e formosa,
Que, só aos sonhos dos amantes desce,
Assim ante os meus olhos apparece
A sua imagem doce e luminosa.

Tão pouco nos falamos que, parece,
Quando lhe vejo a fórma vaporosa,
Que a vejo morta, e que ella vem, chorosa,
Pedir-me ainda a derradeira prece.

Olho-a cheio de magua e de carinho;
Beijo-a, e o meu beijo perde-se na altura,
Como um canóro passaro sem ninho.

E aos poucos, vejo-a, muda, entre outras bellas,
Subindo ao céu com as azas da candura,
Coroada de um circulo de estrellas.

XII

TEUS OLHOS

Vendo-te os olhos fico tão alheio
A tudo aquillo que me está cercando,
Que, quando torno a mim, de gozos cheio,
Julgo que estive, meu amor, sonhando.

Julgo que estive, immovel comtemplando
Uma cousa que existe e que eu não creio,
E no mundo não ha maior receio
Que o meu receio se te estou fitando.

Vendo-te os olhos volta-me a alegria,
Porque n'elles fulgura a luz querida
Que eu vi me olhando em meu primeiro dia.

D'elles depende toda a minha sorte:
Morto — teus olhos me darão a vida;
Vivo — teus olhos me darão a morte.

XIII

ANGUIS IN HERBA

Brota na serra a flor immaculada,
Embalsamando tudo em de redor,
A aurora beija-a, beija-a a noute, e nada
Perturba a vida, á, venturosa flor.
Mas ah! dentro das folhas enrolada,
Negra serpente lhe sentindo o odor,
Invisivel se achega e, dentro em breve,
Deixa o veneno onde o perfume esteve.

Maldita seja a bocca desejosa
De haurir aquillo que lhe não é dado!
Maldita a sêde torpe e venenosa
Que vae tocar n'um liquido sagrado!
Colera eterna sobre essa asquerosa
Cabeça pese, e, sempiterna, ao brado
Que piedade pedir mais augmentando,
Mate-a de dor, a sua dor gozando.

Eis o castigo que eu mereço, forte
Sejas na pena que me deves dar;
Não te commova a minha negra sorte,
Nem o pranto que eu possa derramar.
Mata-me e dá-me tão cruenta morte
Que, eu queira vida para me vingar,
E, impotente, na ultima esperança
Morra — da dor de não tomar vingança.

XIV

DESESPERO

Louco ou cego... que importa? cego ou louco
Bemdito aquelle que tem vista escura;
Bemdita a mente onde jamais perdura
Mesmo a lembrança que perdure pouco.

Não ver no mundo extranha formosura,
E, como o oceano, eternamente rouco,
Responder, sem ouvir, aspero troco
Dando a quem fala com a maior ternura;

Eis a vida feliz que aspiro agora...
Mulher, minha alma eternamente chora
Do nosso encontro o desditoso dia.

Mas como tudo, tudo terminava,
Se eu fosse cego — porque não te via;
Se eu fosse louco — porque não te amava.

XV

Um dia, n'um alfarrabio
Eu li que, um louco vivia,
Toda a noite e todo o dia
Uma estatua a namorar.

Olhavam todos o misero,
Riam de tanta loucura;
E o pobre em frente a sculptura
Devorava-a com o olhar.

A's vezes se erguendo, tremulo,
Cobria a estatua de beijos;
Dos seus olhos os lampejos
Emprestavam doce luz

Aos labios mudos e pallidos
Da mulher de pedra, e, logo
O louco abrazado em fogo,
Abrindo os braços em cruz,

Cantava a belleza angelica
Do rosto que nunca rira,
Do corpo que nunca vira
Nem alma, nem coração;

E de novo macambuzio
Em frente a estatua jazia
Toda a noite e todo o dia
Na mais firme adoração.

Eu sei que ris desse ingenuo...
Mas elle tinha a certeza
De que, a dona da belleza
Que o não amava, tambem,

Jamais n'este mundo vario
Um só minuto, um momento
Teve n'outro o pensamento,
E nunca amara ninguem.

Minh'alma paira na duvida,
Invejo, filha, esse louco...
Quem me dera, dentro em pouco,
Ver-te de pedra ficar!

Eu, louco, amara-te, estatua!
Teu amor nunca teria,
Mas ninguem te possuiria,
Nunca podias amar.

XVI

TEMOR

Antes a luz que vae me alimentando
Em pétreo peito fulgurasse acceza,
Porque no amor, ás vezes, a dureza
Prende-nos mais que o tratamento brando.

Se tu me afagas, se te vejo preza
Aos sentimentos que te vou ditando,
E' tão grande esse bem que estou gozando,
Que, me arreceio falte-lhe firmeza.

Dia virá que o mais ligeiro sopro
Ha de apagar-me esse pharol superno;
Se entanto um'hora eu, empunhando o escopro,

Meu nome em pedra abrisse, tarde ou cedo,
Nelle o meu nome ficaria eterno...
Antes por peito houvesses um rochedo!

XVII

DHULIA

I

Do meu viver medonho
Esqueço a historia escura,
Se acaso os olhos ponho
N'aquella creatura.

No rosto d'ella existe
Tamanha suavidade,
Que, para um'alma triste,
Não ha outra vontade,

Que, eternamente vel-a,
Que, a todo o instante ouvil-a;
Amal-a, como a estrella
Ama-se, sem possuil-a.

II

Se Deus me interrogasse
Sobre o que eu mais queria,
A Deus eu respondia
Que, não me perguntasse.

Olhasse-me somente,
E lesse no meu rosto,
E, para dar-me gosto,
Fosse-me indifferente.

A mim o que importava
O seu poder que aterra,
Que me importava a terra,
E o céo, quando a olhava?

III

Se a vejo, se a não vejo,
Escuto-a sempre n'alma,
Como se escuta um beijo
Por uma noite calma.

E tão tranquilla, embora,
Sem dar demonstração,
Quem sabe o que devora
Seu triste coração?

Quem sabe se ella sabe
Que, tudo quanto aspiro
E' ver se em sua alma cabe
O amor em que me inspiro?

IV

Se é mais que uma visão,
Do que um mortal é menos,
E os seus olhos serenos
Não têm esse clarão.

Que abraza o pensamento
E deixa-nos perdidos
— Accezos os sentidos
E morto o sentimento.

Olhando-a esqueço tudo
Que póde ser possivel,
E penso no invisivel
Extatico, absorto, mudo...

V

E' filha deste mundo?
Donde teria vindo,
Com o rosto assim tão lindo
E o coração tão fundo?

O' pomba celestial!
Rufla as tuas azas brancas
Por sobre mim, que espancas
De vez, todo o meu mal..

E então d'este medonho
Viver a historia escura
Ha de ficar tão pura,
Que a tomarei por sonho.

XVIII

NEL MEZZO DEL CAMMIN...

Seguimos pelo escuro... De mansinho,
Pé aqui, pé alli, seguindo vamos.
Que importa o mundo, se nos adoramos,
Se o odio humano não vale um teu carinho?

Mais nos unimos quanto mais andamos,
E tudo o que tu pensas adivinho.
Allumiam teus olhos o caminho
E mais seguimos e nos estreitamos.

Pelas trevas é tudo um mar de rosas.
Ai! quem nos diz se a luz não nos aguarda
De improviso passagens perigosas!

Queres voltar? Hesitas? Desta sorte
Mais unidos sigamos e não tarda
Que eu ache a vida em tua propria morte.

XIX

Alma de bronze ou coração de ferro
Tivesse, e visse-te a chorar um'hora,
E em pranto, sem a minima demora,
Vertera a dor que no meu peito encerro.

Choras? Mais bello fica o olhar que chora,
E no teu pranto tanta dor descerro
Que, não soffreras mais se o meu enterro
Ante os teus olhos desfilasse agora.

Tambem é minha a tua funda magua;
Pois, minha alma ferida nos estolhos
Do amor, sobe-me aos olhos razos d'agua.

E eu vejo em cada lagryma sentida
Uma escada de seda, em que eu, querida,
Subo ás janellas dos teus lindos olhos.

XX

CONSELHO

Dulce, não busques a felicidade,
Basta sonhal-a, não procures tel-a,
Que, ha no seu brilho tanta falsidade
Que, todos, vendo-a não conseguem vel-a.

Esquece a magua que te gera o pranto;
Volve os olhos ao céo donde desceste,
E, assim, feliz te sentirás, emquanto
Não volveres de novo ao que esqueceste.

Para que um'hora nos julguemos cheios
Da ventura que tanto ambicionamos,
Basta sonhar e desprezar os meios
De converter em real o que sonhamos.

Quantas vezes de um lago azul e quieto
A lua brilha no tranquillo fundo;
Vaes apanhal-a e logo o lodo infecto
Tolda a agua toda e deixa o lago immundo.

Toda a poesia ao teu olhar se turva,
Tens asco e horror d'essa realidade...
Dulce, é assim sob a grandiosa curva
Do céo o aspecto da felicidade.

Sonha que a tens no coração fremente,
Fecha os ouvidos ao que o mundo diz:
Para seres feliz, basta somente
Que tenhas a illusão de que és feliz.

XXI

STANCIAS

Quando os teus olhos para mim levantas
Minha'alma dentro delles se ajoelha,
E eu vejo logo as illusões mais santas
Fulgurando na minima scentelha
Do teu olhar, que é como o de uma ovelha,
Quando os teus olhos para mim levantas.

⚓

Que historia ignota e, ao mesmo tempo, triste
Teu coração me vae desenrolando
Desde a primeira vez em que me viste!
Tambem, um dia, de pezar chorando,
Dir-me-has, ouvindo o que te irei contando:
Que historia ignota e, ao mesmo tempo triste!

⚓

O coração que pulsa apaixonado
Bebe de longe o philtro da alegria,
Por isso nunca fica embriagado.
Tem longas noites e tão breve o dia
Que, vive apenas da melancolia
O coração que pulsa apaixonado.

⚓

Que nos importa a noite amarga e escura,
Em que agora vivemos envolvidos,
Se o mal eternamente não perdura?
Dias teremos claros, divertidos...
E em tanto amor, e em tanta luz perdidos,
Que nos importa a noite amarga e escura?

⚓

Alivio seja ao meu cruel martyrio
O teu amor, o delicado aroma
Da tua alma pura, como o puro lyrio.
E o casto riso que ao teu labio assoma
Balsamo seja á magua que me toma,
Alivio seja ao meu cruel martyrio.

XXII

ADEUS

Vaes... e teus passos, tremulo, contando
Meu coração te segue, apaixonado,
O' peregrino archanjo idolatrado,
Ser por quem vivo á morte me entregando!

Que funda magua em tudo! Que pesado
Pranto meus olhos vertem! Não sei quando
Hei de ainda te ver, se assim te amando,
Ainda em vida ver-te me for dado.

Vaes, e a minha alma, ao pezadelo entregue,
Amortalhada em lagrymas, sombria,
Como invisivel sombra te persegue.

E exhausta e, ainda te osculando os passos,
Grita : Detem-te ! ves-me morta e fria :
Abre-me a cruz dos teus formosos braços !

XXIII

Não, nunca saibas a verdade inteira
Da minha vida triste e aventurosa,
Porque mais vale uma illusão fagueira
Que, uma realidade dolorosa.

Pensa de mim aquillo que não queira
A mais negra alma sobre si; ditosa
Ou indifferente, ou de qualquer maneira,
No meu estado desgraçado gosa.

Faze de mim um pessimo conceito,
Esquece que eu existo e que meu peito
Pelo teu peito pulsa apaixonado.

Antes me odeies que, com dó profundo
Digas um'hora: — porque veio ao mundo
Quem havia de ser tão desgraçado!

XXIV

DULCE

Ha creaturas que, se a gente as fita,
Sente menos que amor, mais que amizade,
E, mais olhando-as, menos acredita
Que ellas estejam sob a mesma dita
Que reje esta enfeliz humanidade.

Deve existir, por certo, dentro dellas
A nostalgia de uma patria ignota,
Toda povoada de illusões singellas;
Perto de nós talvez, talvez remota,
Longe dos homens, perto das estrellas...

Nisto pensava quando os olhos tinha
Postos nos olhos que jamais esqueço,
E onde a innocencia tremula, se aninha,
Como, fugindo ao temporal avesso,
N'uma torre se occulta uma andorinha.

Donde ella veio ? Leve, tão franzina,
Como o somno d'uma ave apaixonada;
Ella que, quando sobre mim se inclina,
Abre-me n'alma celica surdina
Por sentidos extranhos concertada.

Nem parece mulher... A sua fala
Recorda o echo de uma voz querida
Que o nosso peito religioso cala.
Como que uma saudade adormecida
Escutando-a estremece e um grito exhala.

E o seu sorriso... Porque a gente adora
O seu piedoso e limpido sorriso?
E' que n'esse sorriso ingenuo mora
Magua que canta e, ao mesmo tempo chora
Um vago amor, chymerico, indeciso...

Olha-me, fala e ri-se, e n'um instante
Eis-me sonhando as creações gloriosas;
Na meiga Beatriz, de luz radiante,
Inspirando Virgilio nas tortuosas
Boccas do inferno, por salvar o amante.

Na branca e doce Ophelia, transparente,
Como o pranto de mãe que perde o filho;
Coroada de flores, loucamente
Chorando a acerba dor que já não sente,
Cantando o amor de tão fugace brilho.

Mas a sua alma leve, como o aroma,
E perfumada, como uma violeta,
Que, se ella fala, á flor do labio assoma,
E' a alma encantadora de Julieta
Que, no seu corpo nova forma toma.

Ditosa seja, e pelo amor bemdita
Essa illusão alheia á humanidade
E que entre a triste humanidade habita;
Essa por quem a gente, quando a fita,
Sente menos que amor mais que amizade.

XXV

AVE, DOMINA! MORITURUS TE SALUTAT!

> E' a minha propria desgraça que em altas vozes proclamo aqui. Ah! eu devia morrer comtigo, sim, comtigo eu morrerei.
>
> ESCHYLO *(Agamennon)*

Como hei de crer ainda na alegria
Se nem junto de ti eu posso vel-a;
Se minh'alma a teus pés paira sombria,
Como uma nuvem perto de uma estrella!

Todo o teu riso venturoso foge
Quando eu com medo e triste me aproximo,
E vou pedir-te que me ampares hoje,
Que sejas, um minuto, o meu arrimo.

Junto de ti não sei no que é que penso,
Não sei que faço, nem o que desejo;
Apenas sei, que, ao teu fulgor immenso,
Esqueço tudo e só teu rosto vejo.

Mas quem me dera a ignorancia eterna
Das tristes cousas que em teu rosto leio,
Porque elle sendo o sol que me governa,
Sendo o evangelho unico em que eu creio.

Teu rosto desatenta-me... Teus olhos
Fecham-se e obumbram-me o glorioso porto
E eu caio exhausto nos crueis escolhos,
Tão desgraçado! — que não caio morto.

Que te custava, quando então me viste,
Fugir se o meu amor não te agradava,
Que te custava repelir o triste
Quando era tempo, diz, que te custava?

Porém querias dar um golpe fundo
No coração que tanto tem soffrido,
E ouvindo-lhe o gemido tão profundo,
Mais profundo tornaste-lhe o gemido.

Não, eu não sei por onde tu pretendes
Arrastar-me em teu carro triumphante;
Sei que vaes longe, porque mais me prendes
A cada passo que me ves distante.

Seja cumprido o voto do destino;
Leva-me onde quizeres que eu te sigo
Toca-me o funeral—que eu ouço um hynno,
Hynno de gloria, porque vou comtigo.

XXVI

Muitas vezes eu li triste e chorando
Sentidos versos que outros escreveram,
Assim, tambem, aquelles que soffreram
Hão de soffrer de novo me escutando.

Hão de reler aquillo que disseram
Datas, apenas e signaes trocando,
E sem pensarem na que estou pensando,
Crerão nas maguas que em meus versos leram.

Porque o amor que a todo o mundo inflamma
E' o mesmo amor e um coração quando ama
Nunca esquece o tormento da paixão.

E, ás vezes, quando menos esperamos,
N'um poeta obscuro que jamais olhamos
Encontramos o nosso coração.

XXVII

Claés, Claés, a vida é passageira!
Desce os teus olhos á miseria humana
E dentro d'ella te verás inteira.
Desvia a tua alma da cruel cegueira,
Do falso gozo que a existencia engana.

Entre os mortaes ha tanta semelhança
Que, todos nós devemos ser iguaes;
Quando nos falta o riso da esperança
Nenhum de nós, nenhum de nos alcança
Feliz viver um só minuto mais.

Longe de ti a idéa tenebrosa
De desprezar quem é como tu és;
Toda a alma é nua, a purpura custosa
Veste sómente o corpo, mas, formosa,
As almas todas são iguaes, Claés.

Toda a vaidade que deslumbra a vista
Não passa de cobarde phantasia...
O que hoje alegra, subito contrista,
Desde que em nosso peito não exista
Amor eterno, como eterno guia.

Amor que bata ás portas da loucura
Feliz trazendo-a em troca da razão;
Amor que alenta, quando transfigura,
Que mata o corpo de uma creatura,
Deixando, apenas, vivo o coração.

Viver — ouvindo n'outro peito a vida
Propria pulsando e no seu peito a alheia;
Viver em outros olhos escondida,
E trazer nos seus olhos a querida
Imagem santa que não sahe da idéa;

Isto, Claés, isto sómente é gozo.
Riqueza, fausto, posição social,
Não vale um só suspiro venturoso,
Que mereças de um poeta desditoso
Que nos seus versos deixa-te immortal.

Onde verás um coração esquivo
Eternamente ao coração que o quer ?
Claés, piedade ! escuta o pungitivo
Grito que eu solto... Se de ti me privo,
Tambem me privo d'outro bem qualquer.

Esquece, foge da cruel vaidade,
Que deixa os olhos na maior cegueira.
Abre o teu seio ás azas da piedade ;
Ama — que assim terás felicidade...
Claés, Claés, a vida é passageira.

XXVIII

FATALIDADE

Porque a sorte nos fez tão differentes,
E os nossos corações tão concertados ?
Teus olhos dão allivio aos desgraçados
E os meus veneno ás almas innocentes.

Devo causar horror aos teus parentes
Roubando-te os carinhos e os cuidados,
E os gozos que me dás são compensados
Pelos desgostos que por mim tu sentes.

Sorte maldita! Porque assim feriste
Em dois estranhos fundo amor, tão fundo
Que, prever não podeste o seu fim triste?

Maldize, pomba, a sorte desalmada,
Que me fez o homem mais feliz do mundo,
Fazendo-te a mulher mais desgraçada.

XXIX

(DE LOPE DE VEGA)

O amor dentro da selva perfumada
Canta o passaro amante, canta, alheio
Ao caçador traiçoeiro que no meio
Da selva está de pontaria armada.

Atira-lhe, erra, voa... E a perturbada
Voz — agora mais carme que gorgeio,
Volve, e de ramo em ramo, com receio
Pára, por não deixar a prenda amada.

Da mesma sorte o amor canta no ninho;
Mas quando, um dia, ao seu ouvido echoa
A voz do ciume, como o passarinho,

Teme, foge, suspeita, inquire, atoa...
E, até summir-se o caçador damninho,
De pensamento em pensamento voa.

XXX

SÓ

Longe de ti... Não sei; creio que em sonho
Foi que avistei o teu perfil divino,
Doce visão de Rafael de Urbino,
Se alguma teve rosto tão risonho
E olhar tão cheio de fulgor tão fino.

Sonhei de certo, porque não é dado
A um misero mortal tanta ventura.
Louco que eu fosse, era demais loucura
Beijar um anjo, sem haver sonhado,
Crer deste mundo uma mulher tão pura.

Escuto ainda a tua voz; ainda
Vibra a minh'alma de prazer tão grande...
Claés, que mão divina as cordas brande
De gusla de ouro, cujo som não finda,
Se a tua voz em borbotões se expande?

E foi n'um sonho que vivi comtigo!
Ah! tão santa em meu sonho appareceste
Que, nunca mais, o teu fulgor celeste
Consentirá que o minimo perigo
Roube-me a f'licidade que me deste.

E os meus olhos pisados de saudade
E cheios d'agua extaticos, te vendo
Ainda ao longe desapparecendo,
Duvidam, tristes, dessa realidade,
Crendo-te viva, e só visão te crendo.

Vives. Não vives; não és deste mundo...
Vi-te n'um sonho p'ra morrer de amores,
Para, abafando as mais antigas dores,
Exp'rimentar o gozo o mais profundo
E da saudade ver todas as cores.

Veste na terra o teu fulgor divino,
Claés, torna este mundo mais risonho.
Baixa á terra o teu vulto peregrino,
Doce visão de Rafael de Urbino,
Lyrio adorado que beijei n'um sonho.

XXXI

MENSAGEIRAS

Que linda noite! No entretanto, ó bella!
Deixas o céo azul pelo repouso.
Gosto exquisito! Sobre um céo formoso,
Todo estrellado! fechas a janella!

Emquanto les, e o teu perfil ditoso
Na parede escurece a luz da vela,
Ouves nos vidros um rumor, revela
Alguem que busca o teu carinho e pouso.

Olhas e ves diaphanas azas cheias
De luz... Tu que de amor todo me abrazas,
Pensa em mim,abre a porta... O que receias?

Pensa em mim, abre a porta, dando ensejo
A que essas azas entrem, que essas azas
São meus suspiros te levando um beijo.

XXXII

NO SEU LEQUE

Deus no calix da violeta
Poz uma essencia tão forte
Que, a pobre flor acha a morte,
Quem sabe? no seu perfume.

Quem sabe se o vagalume
Tambem não morre abrazado
No fogo que tem guardado
Nos seus olhos fulgurantes?

Quem sabe, peitos amantes?
Como o insecto e como a flor,
Morrereis da propria vida...
Corações: temei o amor!

XXXIII

VIGILIA ETERNA

Desde que a forma lucida de estrella
Despiste e a forma de mulher tomaste,
O céo, que pela terra abandonaste,
Mesmo em silencio, o seu pezar revela.

Nunca alta noite chegues á janella ;
Da luz do dia o aureo fulgor te baste,
E, entre os meus braços, quando o sol se affaste
Dorme, fugindo á luminosa umbella.

Porque, desde que tu sobre este mundo
Cahiste, o grande Deus no azul buscou-te,
E, não te achando, com o pezar mais fundo,

Foi ás estrellas todas ordenando
Que te queria lá... Desde essa noite
Ellas velam no céo te procurando.

XXXIV

Na terra estava quando te queria
De todas as mulheres differente,
E olhando a altura com o fervor d'um crente
Em nuvem de ouro a tua imagem via.

Na aza encantada que a paixão me abria
Subi, para buscar-te unicamente,
E em cima estando vi-te, de repente,
Na terra, no logar donde eu sahia.

Olhos de amante, que de tal maneira
Andam cheios de lucida loucura,
Que assim se perdem na maior cegueira.

E vendo aquillo que não ha, de certo,
Sonham longe a illusão de uma ventura
E não vêm a ventura que tem perto.

XXXV

Subi comtigo á transparente umbella
E, satisfeito por estar comtigo,
Roguei-te e fomos procurar abrigo
No seio de ouro da menor estrella.

Do alto, enlaçados, sem nenhum perigo
Vimos o mundo fulgurando, e pela
Forma que o vimos, nunca foi tão bella
A' vista humana a forma de um jazigo.

Mas na pureza da amplidão celeste
Reconhecemos que a felicidade
Consiste na paixão que a alma reveste

De um fogo ardente e de um fulgor eterno;
E te invejamos, Paulo, com saudade,
E a ti Francesca e ao vosso rubro inferno!

XXXVI

SAUDADE DO IGNOTO

Que saudade, Claés, do tempo em que vivias
E eu vivia tambem, porém tão infeliz,
Que, te vendo, talvez, ignorei se existias,
E tanta dor provei por nenhum mal que fiz.

Vivias e eu tambem... Quanta vez, ao teu lado
No teu hombro tocando eu passei sem te ver;
Quanta vez contemplei o teu rosto maguado,
Sem guardar do teu rosto a lembrança, sequer!

Cego! Onde os olhos tinha, em que ponto remoto
Minha alma procurava o supremo ideal?
Em que mundo vasio, em que paiz ignoto
Buscando um sonho trouxe a vertigem do mal?

Tão longe, procurando a minha desventura!
Tão longe, adivinhando o martyrio cruel!
Abrindo com os meus pés a propria sepultura,
Onde vivo desci com o calice de fel!

Porque não me estendeste a tua mão piedosa,
Que tão perto de mim abençoava os mais?
Porque não escutaste a historia dolorosa
Do meu peito onde a noite uiva a orchestra dos ais?

Tão proxima de mim, e eu tão longe buscando
O amor que me governa e que me deste em fim;
Nas azas da illusão as distancias domando,
Quando estavas, Claés, tão pertinho de mim.

Quantos, em meu logar, o teu rosto fitaram,
Quantos, no teu olhar ungiram-se de bem!
E os meus olhos, talvez, os teus olhos olharam,
Sem tu veres os meus, nem eu os teus, tambem.

Como eu fora feliz se em toda a minha vida
Houvesse haurido o amor que ha no teu coração;
Claés! ah! se eu tivesse a tua mão querida
Sempre, desde creança a guiar minha mão!

As dores que soffri; as loucuras sem conta
Que por uma mulher indigna experimentei;
A escala do pezar que corri ponta á ponta,
Tudo o que padeci, tudo quanto provei;

Visse-te, então, Claés, e ainda hoje viveria
Sem saber onde existe a ingratidão, o horror...
Fui tão longe — encontrar a lura da agonia...
E tão perto, Claés, estava o teu amor!

XXXVII

TREGUAS

Tanto outr'ora gozei quando te via
E quando sobre o nosso amor falava,
Que, se estava comtigo, não contava
Por um segundo o mais extenso dia.

E tão feliz meu coração batia,
E tão leve a minh'alma se tornava,
Que voava livre pelo espaço, voava...
E na luz dos teus olhos se perdia.

Quizeste, e as horas que comtigo passo
São mais amargas que estes versos tristes
Que, não com tinta, mas com sangue traço.

Tregoas, oh! flor e inveja das mulheres!
Tregoas, que eu só existo porque existes!
Tregoas, que eu morrerei se tu morreres!

XXXVIII

IDYLIO

Houve quem visse n'uma noite clara,
Acautelado e ebrio de alegria,
O que falavas e o que respondia
Venus, a estrella que dos céos baixara.

Quando juntas estaveis n'essa rara
Occasião em que isto succedia,
O teu jardim mais claro do que o dia
Houve quem visse pela noite clara.

Tu, quem sabe? talvez em mim pensando,
Dizias para a fulgurante estrella:
« Quanto eu gozo fitando-te n'altura! »

E logo a estrella, o seu logar tomando,
Respondeu-te: e eu mais gozo desta umbella,
Fitando do alto a tua formosura.

XXXIX

LONGE

Longe de mim!... Só a amplidão vasia!
Sol, em que céo de bronze te escondeste?
Céo, porque assim tão baixo tu desceste
E esmagas-me sem dó d'esta agonia?

Nem um adeus, ao menos me disseste;
Foste-te e eu, cego, já não tenho guia;
Meus olhos mais nem uma estrella fria
Verão, pois d'elles desappareceste.

Ah! nunca saibas meu pezar revendo
Tudo aquillo que vias quando estavas
Nos meus braços de medo e amor tremendo.

Longe de mim!... Por mais que chame e brade,
Apenas ouve as minhas vozes cavas
Esta saudade, esta immortal saudade!

XL

PRISIONEIRO

Que era um passaro apenas, me disseste,
Porém o nome d'elle tu ignoras,
Ouviste e ainda ouves vibrações sonoras,
Mas o doce cantor não conheceste.

Pensas em mim, e do tenor celeste
Escutas enlevada as seductoras
Canções saudosas e commovedoras...
Que ave, perguntas mysteriosa é esta ?

Que encantada harmonia, que doçura,
Que maguado cantar !... A todo o instante
Ouves esta garganta ardente e obscura.

Nunca a verás ; não queiras vel-a, não !
Deixa que o meu amor occulto cante
N'aurea gaiola do teu coração.

XLI

Sonho que vou comtigo ao reino augusto,
A' encantada região da eterna gloria,
E ante as ardentes vibrações da historia,
Tremulo, os passos triumphantes susto.

Não sei que clarins de ouro de victoria
Estalam no ar, enchendo-nos de susto,
E eu proprio vejo sobre um sol meu busto,
Emquanto os deuses louvam-me a memoria.

O teu amor me conduziu a tanto;
Chego a maior de todas as alturas,
Vencendo os mais interminos caminhos.

Desperto — e os olhos enchem-se de pranto:
Vejo, em vez de venturas, desventuras,
Em vez de louros, vejo só espinhos.

XLII

AOS FELIZES

a Henrique Silva

Pensais que invento penas por meu gosto,
Que em meus versos affecto soffrimento?
Nescios! Lede nas linhas do meu rosto,
E com verdade me dizei se invento.

Ride felizes, ride que o desgosto
Nunca deixou de vir; em breve o alento
Que hoje tendes tel-o-heis como o sol posto:
Longe e brilhando apenas um momento.

« Mas, me direis, como te enganas ! Ama,
Ama que perderás essa tristeza,
Terás ventura, terás gloria, fama... »

E eu, por vingar-me, suffocando o ai !
Do coração ferido, com firmeza,
Por meu turno respondo-vos — amai !

XLIII

NOS ANNOS DE CLAÉS

(VERSOS DE UM EXILADO)

Se nascesses, Claés, lá no humilde cantinho,
Onde o vento modula a voz nos coqueiraes;
No lugar onde eu tive o mais puro carinho,
Que, talvez, não terei na vida nunca mais;

Se nascesses, Claés, n'aquella obscura terra
Em que vive a gemer um triste coração,
Que, emquanto palpitar, no seu amago encerra
A saudade maior e a mór desolação;

Se nascesses, Claés, onde vive a mais pura,
A mais santa mulher, a mais doce infeliz,
Que á mais caral embrança a maior dor mistura,
Pensando em quem viver junto d'Ella não quiz;

Se nascesses, Claés, no logar onde a estrella,
Onde o sol, onde a noite, onde tudo contem
A doçura, o fulgor, a tristeza d'Aquella
Que é a imagem do martyrio e a encarnação do bem;

Ah! de certo este dia em que tu vieste ao mundo,
Minha doce Claés, este dia immortal,
Não teria uma só nuvem que o céu jocundo
Da minha alma empanasse em teu dia natal!

Ah! se junto de ti Aquella santa eu visse
Beijando-te, Claés, como beijava a mim,
Santa que tem á fronte a aureola da velhice
E em teus braços teria a alva cruz de marfim.

A minh'alma de filho e o meu peito de amante
Hoje soluça e exulta hoje é nenia e canção;
Noiva e Mãe que occupais meu peito ao mesmo instante,
Noiva e Mãe que partis em dois meu coração!

Nasceste, e para mim, sem eu saber, nascia
O astro que ha de o meu rumo eterno allumiar,
E o dia em que nasceste é para mim o dia
Da ventura maior e do maior pezar.

Porque aquelle que encheu de dois soes os meus olhos
Não m'os deu d'uma vez ou os não juntou depois;
E eu, que tanto os procuro, acho um só e acho abrolhos
No logar onde então quizera achar os dois?

Perdoa-me, Claés, se uma triste lembrança
Vem turvar a minh'alma em dia tão feliz;
Mas Aquella com quem divido o amor, descança,
Nossa vida de amor, longe de nós, bemdiz.

A' saudade que me enche o coração de magua,
Mistura-se, Claés, o mais vivo fulgor;
E se te escrevo e tenho os olhos razos d'agua,
Perdoa! tenho o peito a transbordar de amor.

XLIV

Se houvesse ainda um coração vasio,
Se uma alma ainda para amar houvesse,
Não se encheria se a não conhecesse
E a não amara por um desvario.

Quando entre a gente rapida apparece
E foge, como um passaro erradio,
O mais traiçoeiro e doce calafrio
Por nosso corpo incontinente desce.

Donde fugio esse perfil divino,
Cujos traços do rosto, delicados,
Velados vivem de um pallor tão fino?

E como vive em mundo tão medonho?
Como? Com os olhos para o céo voltados,
Na incoherencia do primeiro sonho.

XLV

ENFERMA

Como entre nuvens solitaria estrella,
Como deusa entre flocos d'alva espuma,
Dorme Claés, nenhuma voz, nenhuma
Perturba agora o breve somno d'ella.

Que myrrha que o seu halito perfuma!
No immoto velador crepita a vela,
Que ora o seu corpo esplendido revela
E que ora o esconde a palpitar na bruma.

A luz pulverisada em pequeninas
Estrellas, brilha pelas rendas finas
Do cortinado — via-lactea ardendo.

E Deus que os máos perdoa, que os redime,
Calmo, prolonga o innenarravel crime:
— Deixar um anjo entre mortaes soffrendo.

XLVI

Ao fim dos dias negros e compridos,
Do teu longo e pesado soffrimento,
Caio nos braços do anniquilamento,
Desmoronado pelos teus gemidos.

Que pesadelos! Que cruel tormento
Abatem-me alma e todos os sentidos!
Vejo monstros de punhos no ar erguidos
Ameaçando esmagar-me n'um momento.

Se um'hora fico socegado, escuto,
Mesmo dormindo, o teu gemido triste;
Debalde anceio, sem proveito luto.

Acordo, e, ainda vendo-te em socego,
Soffro a dor que não soffres, como o cego
Que o mal não vê, mas sabe que elle existe.

XLVII

O tempo vôa... E escuto-te os gemidos;
Vejo perpetua a tua dor, e quando,
Cedendo emfim teus membros exhauridos,
Vão-se a rapido somno se entregando.

Eu não penso, Claés, que estás sonhando,
Penso que atros dragões descomedidos,
Pesadelos nas azas carregando
Crueis desabam sobre os teus sentidos.

Penso, e no mesmo instante os teus eternos
Gritos rebentam, na minh'alma echoam,
Como se eu n'alma carregasse infernos.

E dizem todos — « como os dias voam ! »
Não voam para mim, que espero attento
E não vejo parar teu soffrimento.

XLVIII

...dentro do peito
Sinto dous corações e ambos palpitam.

LUIZ GUIMARÃES.

Soffres... Teu rosto já não tem as rosas
Que mãos subtis de magicos pintores
Jamais darão as delicadas cores
Que a saude lhes deu, tão primorosas!

Soffres... Os tredos aguilhões das dores
Turvam, Claés, tuas feições formosas,
E dentre as contorsões mais horrorosas,
Tu me perguntas se ainda ha mais horrores.

Teus olhos têm o brilho da loucura
Em que te lança tanto soffrimento,
Em que te prostra tanta desventura.

Teus gritos agudissimos parecem
Settas; meu peito estoura de tormento...
Sinto dous corações e ambos padecem.

XLIX

ENTÃO SOMENTE

Viste-me, e eu era solitario e triste,
Os meus dias de sol, orphão, passava;
E se um sorriso alguma vez pairava
Nos meus labios, Claés, tu nunca o viste.

Porque, tão passageiro illuminava
O meu semblante um riso, que se existe
O gozo, o proprio gozo que fruiste,
Nunca a minh'alma viu-se d'elle escrava.

Amei-te quando tu, tambem, soffreste;
Quando me deste amor, e não somente
Amor, mas quando o teu pezar me deste.

Quando me deste o pranto teu vehemente;
Quando o teu peito em lagrimas verteste
Misericordiosissimamente.

L

VICTRIX

a Joaquim Abilio

Deixa que essa horda vil dos despeitados
A teus pés tumultue ;
Fallem de nós os labios desprezados,
Fallem, que mutuamente se devoram,
Que a torpe inveja contra os que se adoram
Nada, nada absolutamente influe.

Minha somente... O' poderoso orgulho,
Que outro orgulho é maior ?!
Que vale o amor occulto, sem barulho ?

O amor é como o oceano, a tempestade
Brada, levanta-o... Vence o oceano. Brade
A inveja e vencerás, ó meu amor!

Quanto me elevo por me ver olhado
Quando passas por mim!
Pulsa-me o coração accelerado,
Ouço pulsar-te o coração em fogo,
E louco de prazer, eu me interrogo
Se houve no mundo alguem amado assim.

Ama-me e dize ao mundo que és só minha,
Dize que eu sou teu só;
Dizer? Que importa? Quem não adivinha?
Olha-me apenas, e teus olhos tanto
Falam do nosso amor, que arrancam pranto
Desses proprios que a inveja fel-os pó.

Ah! que doçura em teu abraço! Aperta
Teus braços immortaes.
E a minh'alma, de lagrymas coberta,
Beija-te as mãos, beija-te os pés de rastros;
E eleva-a tanto essa baixeza, que astros
E nuvens nunca se elevaram mais.

Meu coração, a tanto amor esquivo,
Prende em teu coração ;
Vel-o-has melhor, quanto melhor captivo ;
O coração é um passaro exquisito,
Canta somente preso, e é mais bonito
Seu canto, se é maior sua prisão.

Falle de nós a inveja... Contra amantes
A inveja não faz mal.
Do alto has de vel-os todos soluçantes ;
Vel-os-has a teus pés mortos, dispersos...
Deusa immortal ! Dos meus eternos versos
Farei o teu eterno pedestal !

LI

VITA NUOVA

Emfim, dentro em poucos dias,
Da nossa afflictiva historia
De tantas melancolias
Resta apenas a memoria.

Resta apenas o perfume,
Agro perfume das dores ;
Finda o primeiro volume
Claés, dos nossos amores.

Se o coração nunca esquece
De vez os padecimentos,
Muitas vezes nos parece
Esquecel-os por momentos,

Embora em dias felizes,
Quando menos esperamos,
Tropecemos nas raizes
Do mal que morto julgamos.

Como uma estrella envolvida
Em um novelo de bruma,
Tão fundamente escondida
Que, se não vê cousa alguma;

Assim fica em nosso peito
Tudo o que outr'ora soffremos,
E se occulta com tal geito
Que nem nós proprios o vemos.

Mas á menor amargura,
Ao vento que se revolta,
De novo a estrella fulgura,
E ao peito o desgosto volta.

Custou-nos tanto, querida,
Essa batalha da sorte,
Em que jogamos a vida
E não ganhamos a morte!

Para te olhar um instante,
P'ra dizer-te um galanteio,
Via erguer-se-me diante
A muralha do receio.

Do receio, o mais profundo,
De por mim tu padeceres,
O' gloria do Novo-Mundo!
O' inveja das mulheres!

— —

Como eu ficava se ouvia
A tua voz de tão suaves
Gorgeios, que a ti attrahia
Em canto todas as aves!

Uma palavra, somente,
Que dizias, p'ra mim era
Os raios do sol nascente
Em manhã de primavera.

Cercava-me tal carinho
Que a alma do peito me voando,
Como uma ave busca o ninho,
Ia o teu peito buscando.

Se o teu olhar me banhava,
Ao seu transparente brilho,
Eu, pasmo, me perguntava
Se Deus plagiara Murillo.

Do teu vulto a graça immensa.
Lembra um prodigio divino,
Um sonho da Renascença
Digno de Raphael de Urbino.

Quando tu passas e abrazas
Minha alma e a pizas sorrindo,
Agitando as brancas azas,
Por sobre mim as abrindo;

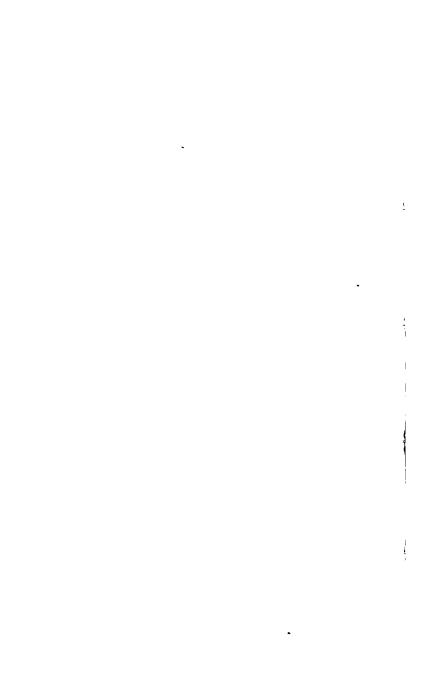
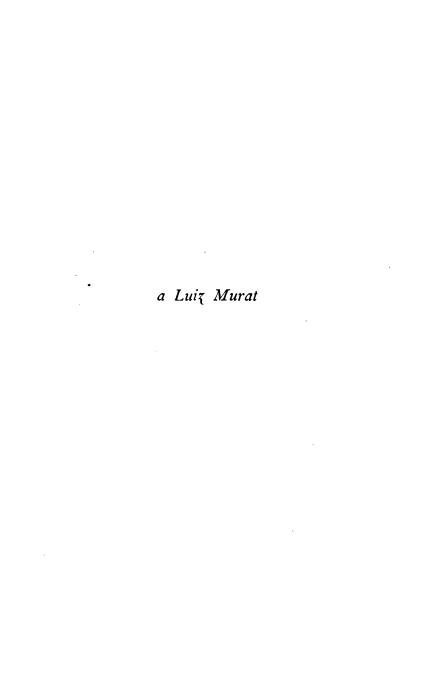
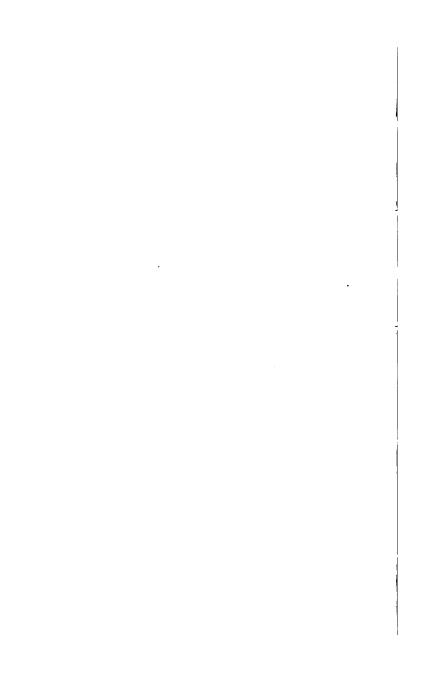
Adeus, calma, adeus, socego !
Deixas-me em tal alvoroço,
Que eu quero ver-te — e estou cego,
Quero ouvir-te — e apenas ouço

O brando, o magico ruido
Das tuas azas serenas,
Que por me verem ferido
Saccodem-me algumas pennas.

Agora, á lucta que finda,
O' futura companheira!
Vês? meu peito sangra ainda,
Mas pela vez derradeira.

Em breve a orchestra dos beijos
Sepulta os males passados...
Terminam velhos desejos,
Começam novos cuidados.

II

a Luiz Murat

I

A VIDA

a Luiz Mesquita

É a vida um pomar: entes ditosos
Metade habitam do pomar contentes,
E ignorando, talvez, que pobres entes
N'outra metade existem, descuidosos,

Comem os fructos de ouro, saborosos,
Ao soffrimento humano indifferentes.
Os infelizes, no entretanto, os dentes
Cravam nos verdes pomos amargosos.

Porém, cuidado, ó corações! Gozando,
Sede mais sobrios e, de vez em quando,
A ventura que tendes tão barata,

Dae ao que morde o venenoso pomo;
Pois mata a muita desventura, como
Muita felicidade tambem mata.

II

MEMENTO HOMO...

Fitas a altura, porque á tua vista,
Onde a vaidade abunda,
Se te afigura que, nada ha que exista,
De tudo o que na terra te circunda,
Que tenha o teu poder.
E's grande, no entretanto, não explicas
Porque ao mundo tu vieste e porque ficas
N'elle, se ignoras o que vens fazer.

E's grande... Mas a terra que disfrutas
Quantos tamanhos tem do teu tamanho?
Justa de um anjo as azas impollutas,
Das estrellas penetra o aureo rebanho,
Busca a menor que tu d'aqui fitavas,
— Era apenas um furo, e dentro d'ella
Vel-a-has tão grande, como a não julgavas.
E agora a terra que, n'altura brilha,
Reconheces — extranha maravilha!
Um furo, apenas, como o era a estrella.

Deixa esse orgulho, ó átomo terreno!
Se humilde fores, és, talvez, melhor:
Olha p'ra cima — e te verás pequeno;
Olha p'ra baixo — e te verás maior.

III

AMOR DE CHRISTO

a Costa Junior

Philosopho immortal, ó Jesus Christo!
Se, em vez de amar a humanidade, houvesses
Amado uma mulher; se conhecesses
Do amor sensual o venenoso mixto;

Se no calice amargo tu bebesses
A traição feminil, está bem visto
Que a tua dor maior seria que isto
Que soffreste — e bem justo é que o soffresses.

Judas, symbolo fiel da especie humana,
Perdoas; e na cruz, já não mais vivo,
Abertos braços tens a quem te engana.

Mas se, em vez de traidor, traidora fosse,
Não serias, Jesus, piedoso e doce :
Amasses — e eras Christo o vingativo.

IV

O SEGUNDO PECCADO

a Alfredo Leite

Cheirava mais que os outros e tentava
Mais que todos o fructo prohibido.
Como deixal-o ? — tão apetecido !
Proval-o?... como ? se vedado estava ?

Fala a serpente, e não resiste o ouvido
De Eva, que a ouvir apenas procurava,
E já a sua lingua humida estalava,
Antegozando o pomo defendido.

Eva não póde mais, cede e supplica:
Cede tambem Adão; a gana estoura,
Mordem o pomo, cevam-se os desejos ..

E Deus brada do céo, que em fogo fica:
« Cobri-vos! » ambos fogem (mas não fôra
Homem Adão)... cobriram-se... de beijos.

V

A PELLE DE URSO

a J. Delgado de Carvalho

Quando o traído esposo de Zoraida
Abandonou-a, e de roaz desgosto
Poz termo á vida, em mystica thebaida,

Da turca illuminou-se o pulchro rosto,
Brilham seus olhos de contentamento,
E canta e fala e ri-se com mais gosto

Tola que o fôra! — qual maior tormento
Que ser o encantamento da Turquia,
E não gozar o proprio encantamento?

Formosa, decantada noite e dia;
Ambicionada, como um pomo de ouro,
E a um só amante dando o que valia!

Era-lhe o corpo um oriental thesouro,
Cuja guarda quizera só que o fosse
O seu cabello, suavemente louro.

Que o mundo visse o que ella ao mundo trouxe:
As puras formas do valor mais puro,
Os brancos seios, onde o roseo doce

Dos bicos, tenta as boccas, como o furo
Com que a ave marca o fructo saboroso
E que, por força, deve estar maduro.

Visse-lhe tudo que pertence ao gozo,
E, por seu turno, ella tambem quizera
Não affogar com tanto um só esposo,
Mas dar aos outros o que já lhe dera.

II

Por isso, quando soube que era morto
Quem tanto a amara, e com tamanho ciume,
Sentiu no coração novo conforto.

Veio-lhe aos olhos mais ridente lume...
Abre as janellas do palacio inteiro,
Queima as caçoulas, e ao subtil perfume

Que baila no ar com écho do pandeiro
E os sons festivos nos salões perdidos,
Fica n'um desvario verdadeiro.

Rasga em delirio as roupas, e os despidos
Membros palpitam de volupia cheios...
Gyra Zoraida em todos os sentidos,

Ebria do vinho que contem nos seios,
Ebria do fogo que lhe queima a pelle,
E mais bebendo espiritos alheios

Ao baixo gosto e cujo ardor a impelle,
Languida tomba n'um divan luzente,
De rubra seda que o velludo excelle.

Sonha e declama versos, onde ardente
Namorado invejoso exalta-a e insulta
Quem por ella morreu penosamente.

E o morto esposo ao seu olhar avulta,
Porque não morre no traiçoeiro peito
Sombra que um'hora n'elle esteve occulta.

III

Ella d'antes o amara, e, a seu despeito,
Agora o extincto amor vinha surgindo,
Reprovando-lhe o mal que houvera feito.

Geme Zoraida a sua historia ouvindo,
E a pelle de ursó, onde os seus pés pousavam,
Pareceu-lhe de leve estar bulindo.

Parecera-lhe mais que se agitavam
Da pelle as quatro patas tremulando ;
Fixando-a, os crueis olhos rutilavam ;

Enche-se o corpo e, de repente, arqueando
A enorme bocca, erguendo-se de salto,
O urso apostropha-a, desta sorte, urrando :

— « Alma daminha, tu bem ves, não falto :
Teu crime e teu castigo, n'este instante,
Recordar-te e nomeal-o vou bem alto :

Desvairou-te a luxuria, vil bacchante,
E tu, que és tão formosa, não soubeste
Deixal-a atraz, tendo a virtude adiante.

Tudo gozaste, tudo conheceste :
Mazzepa do deboche, em teu cavallo,
Toda a Ukrania do vicio percorreste.

Da perdição não escapaste um vallo,
E, nascesses mais cedo, e houveras ganho
O premio indigno ao rei Sardanapalo.

Tudo provaste, mais somente extranho
Foi a teu peito o amor, o amor que eleva,
Que é para as almas o sagrado banho.

Teu coração, amalgama de treva
E de veneno, quem te amava tanto
Matou e inda hoje em seu pezar se ceva.

Porém, cada uma baga do seu pranto
E' um bico adunco de ave de rapina
Que, mesmo viva e no maior espanto,

Tua alma, alheia á paz que o bem propina,
Dilacerada, errando pelos ares,
N'esses bicos verás, torpe assassina!

Choras? mas o teu pranto corra a mares,
Não me abranda... Porque quando o mataste
Riste dos seus interminos pezares?

Morto, sua memoria ainda insultaste...
Dos infelizes não se zomba, e, ha pouco,
Covardemente de um infeliz zombaste.
. . . .

Porque ha de haver um coração tão louco
Que se entregue ao amor de tal maneira,
Se da grande affeição é amargo o troco?

Toda a mulher é indigna e traiçoeira,
E lingua feminil não houve ainda,
Que um só minuto fosse verdadeira.

Os bellos olhos da mulher mais linda,
São duas fontes de mentira e crime,
Onde dos homens a ventura finda.

Para ti o perdão, que a alma redime,
Nunca ha de haver, porque és tão desgraçada
Que és tu quem mais a tua vida opprime.

. . . .

Amor! Amor! essencia abençoada,
Gozo, germen de gozos e de dores,
Descerra os olhos na espinhosa estrada!

Tira essa venda, para que aos horrores
Possas fugir, e conduzir, ditosos,
Os teus feridos atravez de flores.

Ah! bemditos os cegos, que, formosos
Olhos não vendo, tambem nunca n'alma
Hão de sentir os dentes venenosos

Da ingratidão, que rouba toda a calma,
Da ingratidão que, aos males disputando
A palma, certo hade ganhar a palma.

Vive, Zoraida, porque irás provando
Na propria vida a morte que te espera;
Verás teu rosto se pergaminhando;

Teus seios — hoje em plena primavera,
Fructos sem polpa hão de ficar um dia,
Porque a mão da velhice tudo altera.

Velha, espelho fiel da villania,
Dos homens desprezada, onde um minuto
Encontrarás um raio de alegria?

Do teu amor, onde o bemdito fructo,
Para dourar-te os ultimos momentos
Para da tu'alma alliviar o lucto?

Victima, então, de todos os tormentos,
Implorarás o céo, e o céo esquivo,
Rirá dos teus interminos lamentos.

Verás o mundo inteiro vingativo,
Da tua propria sombra terás medo,
Ver-te-has, Zoraida, espectro morto e vivo.»

IV

N'isto calou-se o monstro, e, erecto e quedo,
Inda fitava a turca de tal sorte,
Que demonstrava a não deixar tão cedo.

Porém, ao peso de impressão tão forte
Subito accorda a desgraçada, e, á vida
Tornando, está mais livida que a morte.

Oppressa, suando frio, espavorida,
Ainda escutando o tragico discurso,
Olha, e no chão está, calma, estendida,
Como um fulvo tapete, a pelle de urso.

VI

PER TENEBRAS

a Soares de Souza Junior

O dia em que nasceu... Forte ironia!
Noite foi sempre, como é noite agora;
Nem de certo houve luz n'aquella aurora
Que gela o sangue e as carnes arripia.

Homem é hoje, e desditoso chora,
De maldições enchendo a chave impia
Que lhe trancando os olhos, á alegria
O coração trancou, deixando-a fora.

Como lamenta o mundo, por não vel-o!
Foi á cegueira desde o berço entregue;
Mas eu bemdigo-o, por não conhecel-o.

Ha quem mais cego do que os cegos seja:
E' quem, a vista tendo, não consegue
Ver, tendo visto, quem mais ver deseja.

VII

ORIGEM DAS ESTRELLAS

a João Ribeiro

> Ye stars! which are the poetry of heaven!
>
> BYRON.

Quando sobre Eva e sobre Adão a porta
Do Eden fechou-se para sempre, a magua
Pela primeira vez arrazou d'agua
Os olhos de Eva, de vergonha morta.

Muda, mais bella ainda, os olhos volta,
Estende-os, busca, e ainda descobre o friso
De ouro, que pelos céos deixou a escolta
Dos anjos, em caminho ao Paraiso.

Falta-lhe tudo, tudo em roda tendo;
Mas tanto póde o amor que, na desdita,
Cae nos braços do amante adormecendo.

O dia expira... E a noite, ao ver as bellas
Faces de Eva molhadas, na infinita
Altura chora... e formam-se as estrellas.

VIII

PRANTOS

a Paula Ney

Liam os dois no quarto á luz da vela
Caras missivas de bem longe vindas ;
Entra um terceiro, e interrompendo aquella
Santa leitura, diz-lhes : « mas que infindas

Lagrymas vejo as faces vos banhando ! »
E olhando as cartas, desmedido brilho
Toma-lhes os olhos e eil-o já chorando.

Rapido, n'ellas lera o desgraçado,
Em uma, escripto : « meu querido filho. »
Escripto em outra: « Meu saudoso amado. »

E os dous amigos volvem-lhe com espanto:
« Nossa alegria, ou nossa dor te importa ? »
Responde o triste: « é bem diverso o pranto:
Mãe nunca tive, e a minha noiva é morta ! »

IX

PARABENS

a Luiz Murat

Essa creança que nasceu agora
E enche de encanto toda a tua casa,
Que vive e a vida inteiramente ignora,
E é leve, como disco d'alguma aza
Impresso ainda no ar e luz d'aurora;

Essa creança doce, como um riso
De outra creança do tamanho d'ella,
Que faz acreditar n'um Paraiso
Donde ella veio, e onde só chega o friso
Suave da restea da mais pura estrella;

Essa formosa, essa gentil creança
Tua vida será, que, de hoje em diante
Na sua mão — que quasi nada alcança,
Has de pezar-te inteiro a todo o instante,
Como na concha da mais fiel balança.

Feliz quem, como tu, pode os pezares
Despir, fitando uns olhos innocentes,
Dois pequeninos, timidos luares,
Que farão te esquecer outros olhares
E teres pena dos indifferentes.

Essa creança fragil e divina,
Que sonha, brinca e ri sem percepção,
Teu doce lar povoa, enche, illumina,
Porque ella, sendo ainda pequenina
E' do tamanho do teu coração.

X

CHOEPHORA

Dos hellenos as vezes a amargura,
Outras vezes as garras do remorso,
Vinhos jorravam sobre o frio dorso
De marmore de cara sepultura.

Talvez que o morto pela cova escura,
Ao aroma dos vinhos, n'um esforço
Erguesse ainda o carcomido torso
E abençoasse essa ultima ternura.

Assim tu vens: sobre o meu leito lanças
Teu corpo —taça esplendida de vinho,
Cujo aroma transborda em tuas tranças.

Mas os teus beijos não me dão conforto;
São como o inutil e fallaz carinho
Que a choephora ia offerecer ao morto.

XI

RECINTO DE UM CORAÇÃO

(DIANTE DE UM DESENHO DE VICTOR MEIRELLES)

Prodigio do crayon! Eis revelado
Esse recesso nunca descoberto
De um coração que, sendo um céo aberto,
Tral-o zeloso peito encarcerado.

Que harmonioso e mystico concerto!
Achego o ouvido e escuto o apaixonado
Arrulho doce de um casal amado
De pombos; pombos longe, pombos perto,

Flores, azul de céo, casta poesia,
Tudo palpita dentro desse peito,
Agora claro á luz do claro dia.

Porém — perdoe-me o magico pintor !
Falta a dor para o quadro ser perfeito ;
Pois não existe um coração sem dor.

XII

THEATRO ENCANTADO

A scena é dupla, mesmo assim pequena,
Porém que caprichosa illuminura!
Invisivel a orchestra, e estão em scena
Dous personagens em miniatura.

« Romeu! Romeu! » diz-lhe Julieta e acena,
Mostrando a aurora que no céo fulgura.
«Se fosse a aurora...» diz Romeu «que pena!»
E n'um beijo não sei o que murmura.

Solta o primeiro grito a cotovia...
O' protestos de amor!... Mas n'esse instante
Os olhos cerras... Tudo quanto eu via,

Vejo com o panno, sem rumor, cahir,
Porque em teus olhos era, ó minha amante,
Que eu applaudia William Shakespeare.

XIII

NON RAGIONAR DE LOR

a Orozimbo Moniz Barreto

Era mutuo o desejo, no entretanto
Quando ella me buscava eu lhe fugia;
Queria um beijo, porém não queria
Que alguem nos visse, para ter encanto.

Affastei-me dos homens — que alegria!
Estamos sós, buscamo-nos, e emquanto
Em preludio sorrimos, com que espanto
O sol, como um olho enorme, nos espia.

A noite espero... Emfim tudo adormece...
Beijo-a ; beijando-me ella a vida esquece
E a vida esqueço, porque a estou beijando.

E descuidados, quando a vista erguemos,
Vimos : a noite (porque tal fizemos ?)
Com mil olhos de fogo nos olhando.

XIV

EM RESPOSTA

a Medeiros e Albuquerque

Ha na tua alma, como na minh'alma,
O fel perenne da melancolia;
Tua razão é como o oceano em calma,
Sem o batel azul da fantasia.

A vida é triste; um mundo de tormentos
Paira por sobre nós se equilibrando,
E, naus sem rumo, proseguimos lentos,
Ao sul e ao norte barlaventejando.

Adunia irrompe o interminavel coro
Dos infelizes, dos desenganados.
Ha riso ? mas o riso vem do choro,
E' o reverso dos peitos desgraçados.

O soffrimento humano é tão profundo,
Que a parte que nos cabe, quando a vemos,
Nós julgamos soffrer por todo mundo,
E, no entretanto, só por nós soffremos.

Mas donde vem o mal que nos trucida,
Donde a tristeza que nos desanima ?
E' que ligamos muito apreço a vida,
Nos preoccupamos com o que vem de cima.

Não ! Se a razão nos traz o desconforto,
Deixemos a razão que nos procura ;
Imaginemos nosso corpo morto
E bebamos o vinho da loucura.

Este licor de fonte milagrosa
Brota dos labios da mulher amada ;
Que importa que esta seja mentirosa,
Se o vinho é bom e se a mulher é nada ?

Chama-se amor o liquido gostoso,
E transforma-nos tanto a mulher bella,
Que fica de ouro o coração leproso
Quando tocado pelos dedos d'ella.

Poeta, abandona a lugubre luneta
Por onde observas este mundo torvo.
Ama e canta, como eu, porque é do poeta
Cantar e amar — nunca imitar o corvo.

XV

ESPHINGE

a Fausto de Barros

Pygmalião, o heroico estatuario,
Galathea não fez com mais esmero,
Nem mesmo o proprio Donatello quero
Que o marmore encha de poder tão vario.

Divino artista em mundo imaginario
Achou, n'um sonho o teu perfil austero,
E ao céo roubando ardente reverbero
Inflammou-te este corpo extraordinario.

Assombro eterno da belleza humana ;
Suprema perfeição de que se ufana
A Arte, que a vida com tal arte finge !

Quantos dirão vendo-te o labio mudo :
« Tivesses coração, terias tudo... »
Nescios! Não viram coração de esphinge.

XVI

ETERNA HISTORIA

a Oscar Rosas

Ella sorria e ria a derradeira
Das estrellas morrendo, e parecia
Que a merencoria lua tambem ria
Quando se viram pela vez primeira.

E os passaros cantavam quando um dia
Se entrefalaram, de uma tal maneira
Que, voou sorrindo aquella tarde inteira
Em que aos amantes o prazer sorria.

Felizes céos e terras! Soes e flores
Felizes! Ella o gozo dos amores
Pela primeira vez comprehendia.

Mas quando a gana de febril desejo
Explodiu n'um profundissimo beijo,
Ella chorava... E D. Juan?... Sorria...

XVII

Se podes, Musa, ao coração captivo
Dulcificar a dor de tantas dores,
Eu em verso porei meus dissabores,
Eu da lyra farei meu linitivo.

Se não pareço ao mundo repulsivo,
Se não busco ventura nos amores,
Porque fecha-me um cingulo de horrores,
Se para tanto nunca dei motivo ?

Cego quizera ser, mas vista tenho.
Fatuo me julgam, porque me concentro,
E mau, porque dos outros maus desdenho.

Nescios! Entrem em si, tal como eu entro,
E da vida jamais farão empenho:
Voltem os olhos, vejam-se por dentro.

XVIII

NO BANHO

a Figueiredo Coimbra

A agua espera-a frémente, a agua anciosa,
Antegozando-a encrespa a face lisa,
Doce volupia levemente frisa
A cabelleira á fonte venturosa.

Bemdita seja a tentadora brisa
Que a camisa lhe ajusta e a mais formosa
Mulher revela e mostra a cor de rosa
Carne, atravez da tremula camisa.

Bravo ! Eil-a nua ! Vinci! Donatello!
Nunca sonhastes corpo assim tão bello,
Diante do qual a arte a grandeza perde.

Arfa-lhe o seio, a cabelleira ondula...
(Padres, dizei-me se é peccado a gula...)
Oh ! fructo raro que se come verde !

XIX

NOX

Na inquieta mão de D. Juan Tenorio
Geme e palpita a languida guitarra,
Se ella emmudece da pudíca parra
Cede uma folha ao canto merencorio.

Quedo, immoto, philosopho marmoreo,
O céo a vide solta não agarra;
A treva encolhe a traiçoeira garra
E estende o manto lugubre e illusorio.

Gosa tranquillo, torpe libertino;
Dos teus desejos solta, franco, o freio,
Redobra o beijo lubrico e assassino.

Da luz não temas o cruel açoite,
O sol não temas, elle está no meio
Do enorme tunnel que se chama noite.

XX

JOB

a Alberto de Oliveira

Job da cabeça aos pés uma chaga semelha;
Por lençol cobre-o o céo; seu macio colxão
O sol rachou, de urzes encheu, que é sobre o chão
Que a lepra raspa Job com um caco de telha.

Tudo o que elle possuia, uma invisivel mão
Destruiu pouco a pouco, e hoje nem uma ovelha
Resta-lhe mais. Do incendio a flammula vermelha
Aos trigaes não perdoou o mais pequeno grão.

Os tredos aguilhões das dores o devoram.
Se algum amigo o busca é por escarneo só;
Só lagrymas de fel os seus olhos enfloram.

Mas Job que é pranto, Job que é lodo e abjecto pó,
Sabe que ha corações que mais felizes foram,
E diz: « Bemdita seja a desgraça de Job! »

XXI

DEUS

a Luiz Delfino

Existe ou não existe? A minh'alma inquieta
Como um pendulo oscilla eternamente no ar,
Ora vendo-o atravez de uma illusão de poeta,
Ora vendo somente a escuridão tombar.

Se existe porque foge á invocação que ascende
E ao peito que a soltou não volta nunca mais?
Porque elle indefferente a dor humana prende
N'uma jaula de ferro os nossos fundos ais?

Porque aquelle que busca o refugio da crença
Mata no nascedouro a esperança da fé,
E transforma este azul, de uma alegria immensa,
N'uma cousa tão má que ninguem sabe o que é?

Se existe porque fez o coração tão triste
E tão pequeno o fez para conter a dor ;
E no mesmo logar em que o odio negro existe
Elle foi collocar as illusões e o amor ?

Porque fez com que o olhar que a nossa alma domina
Não nos mostre de vez a interna escuridão,
E estampe o exterior a perfida retina,
Quando estampar devera o occulto coração ?

Porque foi tão mesquinho em sua omnipotencia
Que ao homem que creou, p'ra fazel-o viver
Necessitou crear uma outra existencia,
E o rei da creação depende da mulher ?

Crea o sol, guia eterno, e dá que elle se acoite,
Que a luz seja uma lesma e a treva um caracol;
E, se ao sol deu calor e se deu frio a noite,
Porque da noite fez o cobertor do sol ?

Existe? E porque foge á desolada prece;
Porque consente que haja entre os homens atheus,
Porque áquelle que o busca elle não apparece,
Porque teme perder o incognito se é Deus?

Existes? A' esta alma
Revela-te, acalma
Esta oscillação.
Das nuvens, dos astros
Se desces, de rastros
Me encontras no chão!

Ao peito vasio
Que é treva, que é frio,
Que é pranto, que é dor,
Revela-te, desce
Dos céos, apparece
Maldito senhor.

Vem nos provar qual é a utilidade
Desta existencia vil que amarguramos,
Porque damos valor á mocidade
Somente quando na velhice entramos.

Porque nascemos nós sem ter vontade,
O que vimos fazer por onde andamos,
Porque tão longe a luz da eternidade
Puzeste que a não vemos donde estamos ?

Debalde a nossa voz percorre o espaço,
Tremula expira no teu reino frio,
Sem achar um vislumbre, sem um traço

Achar que prove o teu viver sombrio.
És eterno — e te guarda um muro de aço !
És Deus — e tens um coração vasio !

Que crime o Ser, antes de o ser pratica,
　　Que o ventre marternal,
Na vida embryonaria o crucifica ?
E o condemna a viver, e não lhe explica
Porque lhe inflinge tão penoso mal ?

Porque quem não existe e não conhece
　　O inferno, nem o céo,
Sem o desejo minimo apparece,
E vem á luz e logo á treva desce
Ainda inconsciente e já maldito réo ?

Accaso o Nada pode ter saudade
Do que nunca elle viu ?
Porque arrancal-o á sua nihilidade ?
Qual a missão da triste humanidade
E quem as portas da existencia abriu ?

Deus, foste tu ? Então porque condemnas
A obra sublime das tuas proprias mãos ?
Porque dás vida, para dares penas ?

Se os homens creas, crea-os tu tão sãos
Que nunca pequem, já que os seus peccados
Os mais simples, tu nunca achaste vãos.

Traze-os á luz de todo abençoados,
Propensos ao perdão, quando algum dia
Em sua paz sentirem-se mudados.

Dá-lhes a alma de Job, dá-lhes a pia
Resignação do biblico cordeiro
Que em todo o mal um beneficio via.

Se á tua semelhança o corpo inteiro
Lhe fizeste, o corpo enche tambem
Da luz que leva ao rumo verdadeiro.

Se és bom deve o homem praticar o bem,
Porque procede, como procederas,
Porque a mesma alma que contens, contem.

Mas fizestel-o mau, fizeste feras
N'um corpo que sobre o teu corpo é feito
E tu d'essa obra não te comiseras!

Omnipotente — abusas do direito!
Eterno — matas torturando os teus!
Invulneravel — mesmo em pleno peito
E' que nos feres... Desgraçado Deus!

E por isto a minh'alma attentamente observa
E oscilla, sem cessar, na eterna escuridão;
Ave solta e sem rumo, hesita e se conserva
Ora entre a indifferença, ora entre a religião.

Se quando ella partir deste negro envoltorio
(E invisivel, então, poder te conhecer)
For cahir aos teus pés, como n'um oratorio
Lacrymejando cahe uma fraca mulher,

E' que existes, então... Mas, se existes, escuta
O grito que te busca e revela-te a mim.
Apparece-me, Deus ! D'esta'alma irresoluta
Faze um alma capaz de viver para um fim.

Se hoje, por não te ver, eu não te reconheço
E' por essa razão que eu te nego tambem ;
Terás um coração que agora te offereço
Se uma prova qualquer de que existes lhe vem.

A existencia sem fim é uma cousa medonha ;
Do que um'alma sem fé não ha cousa peior;
Infeliz do mortal que não teme e não sonha,
Que não faz da outra vida uma ideia maior.

Mas quem me diz a mim n'este horrivel momento
Em que oscilla a minh'alma e em que me vejo só,
Se existe simplesmente isto — o aniquillamento ?!
Nascer para morrer, morrer para ser pó... ?

XXII

Na solidão pensando na ventura
Da hora derradeira o crente espera
Que suba a sua alma á celestial esphera,
Das ignominias deste mundo, pura.

Dos homens affastado em mim se opera
O opposto, pois nessa thebaida escura
Para partir o calix da amargura
Minh'alma a vida, em vez da morte espera.

Vida que vem de ti... Se tu me deste
Flores, cujo perfume esconde a morte,
A mancenilha — perfido cypreste :

Para provar todos os desenganos,
Ver-me-has surgir infernalmente forte
Sedento como um Fausto de vinte annos.

XXIII

ALMA MORTA

a Arthur Mendes

A magestosa e tropical palmeira
Que em fundo azul, ao claro sol fulgura,
Não medrará na rocha esconsa e dura,
Onde o frio fabrica alva geleira.

Não solta á briza a verde cabelleira,
Impregnando todo o ar de essencia pura;
Não medrará na rocha esconsa e dura
A magestosa e tropical palmeira.

Debalde o amor ha de bater-te á porta ;
Hão de rolar-te aos pés ondas de pranto,
Soluços de uma geração inteira.

Não medra o amor em tua vida morta,
Como não medrará no Monte-Branco
A magestosa e tropical palmeira.

XXIV

NO GRANDE BAZAR

a Coelho Lisbôa

Obra de industria se nos afigura
O velho turco no divan sentado,
Cae-lhe por sobre o cafetan bordado
A barba em toda a nitida brancura.

Com que graça a cabeça lhe emoldura
O turbante de pedras recamado!
E do chibouc no aroma embriagado,
Sonha Stambul — a deslumbrante impura.

Immovel, a aventurosa mocidade
Revê ; revive as cinzas do aparato ;
Da vida alheio aos asperos escolhos.

Dorme... Mas á menor proximidade,
Vae, ao menor ruido, como um gato,
Silencioso descerrando os olhos.

XXV

A ORGIA DE DEUS

a Coelho Netto

Silencio Musa! que eu revejo agora
Das illusões o tremulo rosario;
Sinto mais vida, mais prazer nesta hora,
Em que o prazer é todo imaginario.

Meu coração, alegre, como a aurora,
Abre o profundo e rubro relicario
Onde o amor que a existencia me devora,
Achou infelizmente o seu calvario.

E emquanto o vinho do prazer me inunda,
A lua surge, e a sua luz profunda
Nunca foi tão saudosa, nem tão fria;

E Deus, ebrio de goso e de impiedade,
Emborca-a pelo azul da immensidade,
Como uma taça de melancolia.

XVI

NA CORRENTE

Quando partimos, sob um céo risonho,
Vinham a flor das ondas bonançosas
Canticos festivaes, canções saudosas,
Saudando o nosso perfumado sonho.

A branca praia intermina brilhava,
Ao fundo o coqueiral bamboleando...
E a brisa alegre, as velas enfunando,
A nossa embarcação arrebatava.

Dir-se-ia um poeta e uma gentil princeza,
Apaixonados de uma tal maneira,
Que se entregavam rindo á azul esteira,
A' esteira azul da placida Veneza.

Veneza ! .. Nós vogavamos felizes
Em plaga mais ardente e mais querida,
Porque o paiz em que me deste vida
É o melhor entre todos os paizes.

Soprava a brisa .. A tua voz se ouvia,
E os echos da guitarra o espaço enchéndo,
Foram-me pouco a pouco adormecendo,
Emquanto a nossa embarcação fugia.

Venturosa, deitada nos meus braços,
Davas-me taes apaixonados beijos,
Que, n'um crescendo,a orchestra dos desejos
Cantava já sem rythmo e sem compassos.

Fomos assim... A correnteza ardente
Arrebatou-nos rapida, de sorte
Que, quando a vimos, vimos só que a morte
Nos aguardava na fatal corrente.

. . . .

Voltar?... Mas como, se é perdido o rumo,
Se já não temos o menor governo?
Que a corrente nos leve ao rumo eterno,
Onde as almas se tornam como o fumo.

. . . .

Bemdito abysmo... Derradeiro porto,
Sepulta-me no teu medonho fundo!
Tinhas razão, Œdipo — n'este mundo
O homem feliz é unicamente o morto.

XXVII

AS LAGRYMAS DA NOITE

á Octavia Guimarães Passos

Quem tem saudades como vive triste!
Não acha, excellentissima senhora?...
E mais não disse, pois a dama agora
A' lembrança do noivo não resiste.

Tenta um sorriso, mas se a magua existe,
O seu semblante bello, como a aurora,
Porque fingir? e a lagryma que insiste
Avoluma-se, treme... e a moça chora.

Tornam-lhe o doce rosto ainda mais doce
Uma por uma as lagrymas chovendo.
A noite pelo espaço derramou-se...

Oh ! de saudade lagrymas ! contel-as
Pretende o céo debalde, e não podendo,
Desata em pranto : entra a chover estrellas.

XXVIII

Mudo te vejo, pobre passarinho !
Causas-me pena, triste prisioneiro !
Tu não pódes viver preso e solteiro,
Tu não pódes cantar longe do ninho.

Eu, que tenho por mim o mundo inteiro
E inteiramente livre o meu caminho,
Vivo tal como tu, sempre sosinho ;
Juntos — vivemos sem um companheiro.

Qual será menos infeliz ? Tu mostras
As tuas maguas e eu occulto as minhas ;
Tu de saudade á tua dor te prostras.

Tu, sob o manto real das tuas pennas,
Teu canto encobres, e não adivinhas
Que eu no meu canto encubro as minhas penas.

XXIX

REMORSO

Eu tive um tempo muito amargurado,
Dias de maguas e melancolias.
E' que eu te amava, mas se eu era amado
Não me dizias.

Pensava em tudo o que te dava gosto,
Cumpria tudo quanto me ordenavas ;
E lia-te nos olhos e no rosto
Se tu me amavas.

Amaste-me e mudou-se-me a existencia;
Tive sonhos de gloria e de ventura,
E fiz por ti, sem a menor consciencia,
Muita loucura.

Logo, porém, fugiste-me... Roubado,
Vieram-me todas as melancolias;
Voltou-me o horrivel tempo amargurado,
Que assim querias.

Porque no meu caminho appareceste
Com tal belleza e deshumanidade?
Se não me deste amor, porque me deste
Fel e saudade?

É que desfrutas a tortura alheia,
Mordes e sopras, creatura odiosa...
Porque tens a alma tão nogenta e feia
Se és tão formosa?

. . . .

Se me queixo, não é que eu te ame ainda,
Nem que me pese o tempo amargurado:
E' da loucura, é do remorso infindo
De ter te amado.

XXX

PUBESCENCIA

a Emilio de Menezes

Eil-a! Chega ao jardim, que estava triste,
Porque a sua alegria ausente estava,
E ella, que em vel-o dantes se alegrava,
Agora a toda a tentação resiste.

Seria outra alma, pensa, que a animava?
Porque um desejo que a persegue insiste?
Qualquer cousa que ignora, mas que existe,
Pulsa-lhe ao coração que não pulsava.

Triste scismando segue, e em frente á fonte :
— Um satyro, de cuja bocca escorre
Um fino fio d'agua transparente,

Ri-se dos cornos que lhe vê na fronte,
Os labios colla aos delle, e porque morre
De sede, bebe allucinadamente.

XXXI

HISTORIA ANTIGA

a Americo de Almeida Guimarães

O que pensa Diogenes, o homem
Mais cynico da Grecia ? — perguntava
O povo, emquanto Diogenes passava
Expondo o secco peito e o murcho abdomen.

— O que faz este ser que não se lava,
E nem se importa que por louco o tomem ?
Pois não ha forças que tal bruto domem ? —
E o cynico Diogenes passava...

Eis de repente o pensador mettido
Entre creanças más; tolhem-lhe o passo,
Apedrejam-n'o... Ao ver-se perseguido,

A cada uma, calmo, elle diz: — Ai!
Não jogues pedra atoa, que o teu braço
Póde acertar na fronte do teu pae.

XXXII

(NO ALBUM DE GONZAGA DUQUE-ESTRADA)

Foi n'outro tempo o sol, amigo Duque-Estrada,
Um planeta vulgar, que não valia nada.
Era calvo e o calor não tinha que hoje tem:
Menor que um patacão, maior do que um vintem.

Ninguem sabe porque, nem como : certo dia
Descobriu-se que o sol as estrellas comia ;
E á custa d'ellas foi aos poucos augmentando,
Augmentando, augmentando, e em breve tempo, quando

Se aperceberam d'elle, elle no espaço erguido
Dominava a amplidão, tinha tudo absorvido.
E foi por causa d'isso, e com muita razão,
Que a estrella, apenas vê o rosto do papão,
Tremula, a succumbir de medo, todo o fogo
Vae perdendo e vae dando ás de Villa-Diogo,
Por modestia ou porque vae o sol absorvel-a...

Album, és como o sol! Ideia, és como a estrella.

XXXIII

ARS LONGA, VITA BREVIS

a Ozorio Duque-Estrada

Quantos comigo vão da alta montanha
Nas asperrimas fragas se agarrando,
As mãos, os pés, o corpo ensanguentando,
Rompendo as carnes na subida extranha !

Quantos comigo vão ! Mas é tamanha
A altura que de nós está zombando,
Que inda em meio caminho não estando
Já o nosso pranto em rio as faldas banha.

Todos buscamos uma só ventura...
Feliz aquelle que ainda salvo e inteiro
Chegar ao pico, á tenebrosa altura ;

E, do alto, vir pelo despenhadeiro
Rolar, gritando, aquella massa escura,
Soltando no ar o alento derradeiro.

XXXIV

NIHIL

a Pardal Mallet

Sem aos outros mentir, vivi meus dias
Desditosos por dias bons tomando,
Das pessoas alegres me affastando
E rindo ás outras mais do que eu sombrias.

Enganava-me assim, não me enganando;
Fiz dos passados males alegrias
Do meu presente e das melancolias
Sempre gozos futuros fui tirando.

Sem ser amado, fui feliz amante ;
Imaginei-me bom, culpado sendo ;
E se chorava, ria ao mesmo instante.

E tanto tempo fui assim vivendo,
De enganar-me tornei-me tão constante,
Que hoje nem creio no que estou dizendo.

XXXV

AS PEROLAS

a Dario Freire

Vociferava o mar alevantando
A crespa juba que se esboroava,
E o rei os seus vassallos incitava
Graças fazendo, crimes perdoando :

« Aquelle que descer e á espuma brava
Subir, argentea perola mostrando,
A mais formosa escrava desejando
Póde contal-a como sua escrava. »

Desce arrojado moço, emquanto o esperam
Debalde, salta alguem; todos tremeram,
Todos anciosos o oceano espiam...

E á tona d'agua, livre dos escolhos,
Surge formosa escrava — dos seus olhos
Duas fontes de perolas corriam.

XXXVI

25 DE MAIO

a Manoel Castagnino

Extranha coisa a vida ! Vão-se os dias
E em todo o mundo sempre as mesmas cores,
Por um minuto de alegria, dores,
E apoz as dores as melancolias.

Viver de certo é muito triste ! Frias
Cadeias são as horas e os temores
Que abrigamos, em tetricos horrores,
Vêm transformar as nossas fantasias.

Mas ha quem tenha um dia prazenteiro,
— Outros hoje verão no mesmo trilho
Todas as cousas sobre o mundo inteiro.

Mas no céo da tua alma ha justo brilho,
Que entre os dias felizes o primeiro
Este é, que o é do teu primeiro filho.

XXXVII

RESIGNAÇÃO

a Carlos Passos

Dor, não és um mal!

Bemdita seja a dor que a minh'alma crucia!
Bemdita esta saudade assassina e immortal!
Amargam, como fel; mas como eu poderia
Saber que existe o bem, se não provasse o mal?

Quem poderá viver alheio á desventura,
Se o gozo apenas cabe a quem já teve a dor,
Se a coisa mais cruel que o coração tortura
Vem da coisa melhor que ha na vida — o amor?

Gozar é não sentir o cruento martyrio,
A loucura do beijo, a febre da paixão?
Porém, póde ser gozo o que não é delirio?
Póde o sonho accordar, se dorme o coração?

Acaso o indifferente os ouvidos fechando
A's maguas do infeliz presume-se feliz,
Se elle vae pela vida, automatico, andando,
Sem saber onde vae, sem pensar o que diz?

O que eramos, mortaes, se viessemos ao mundo
Pela porta da vida entrando p'ra morrer;
Sem termos a noção de algum myster profundo,
Sem sabermos o que viemos n'elle fazer?

Se o nosso olhar a luz visse constantemente,
Se Jesus não soffresse o martyrio da cruz,
Qual seria de nós bastante humano e crente
Qual de nós conhecera a vantagem da luz?

Quando a vida levei dentro de uma chymera,
Nunca me apercebi da missão dos mortaes;
Pequei, porque gozei... Mas que gozo tivera
Qem não tinha a noção das outras coisas mais?

Bemdita seja a dor que a minha alma crucia!
Bemdita esta saudade assassina e immortal!
Amargam, como fel, mas como eu poderia
Saber que existe o bem se não provasse o mal?

XXXVIII

LUCTA

a Olavo Bilac

Bate na rija pedra um mez, um anno
A onda teimosa, e com tal furia estoura
De encontro á pedra que esta á atroadora
Descarga cede, simulando damno.

Mas aos poucos a pedra enganadora
De verde limo se vestindo, insano
Combate aguenta, e quanto mais o oceano
Bate, mais limo surge-lhe por fora.

Ha tambem corações como esta pedra,
Corações que se abrandam de momento,
E quando cremos que a piedade medra

Dentro d'elles e cremol-os seguros,
Cobre-os o limo do ensurdecimento,
E á onda do pranto tornam-se mais duros.

XXXIX

PEZADELO

a Guido Duarte

Sonho-a: vejo-a de pé completamente nua.
Fulge-lhe a pelle branca, aromatica e quente
Do sangue onde o desejo encadeado estua;
Treme o olhar de paixão; arfa o seio fremente
E sobre a espadua nivea o cabello fluctua.

Toda a sua belleza o meu olhar profana ;
Estremeço de gozo e aos seus pés eu me ajoelho,
E curvo, como um Deus, ante o pudor de Diana,
Tomo-lhe o pé divino e o perfumado artelho
Beijo,e ao beijal-o esqueço a desventura humana.

— Quem te atirou na terra, estatua peregrina?
De que Grecia ideal á luz do paganismo
Mão divina arrancou tua imagem divina,
E ergueu-te um pedestal á borda de um abysmo,
E deu-te compleição tão formosa e tão fina?

Diz'-me donde surgiste? O mundo donde vieste
E' triste como o mundo onde estamos sepultos?
O amor que lá se goza é triste como o d'este?
Os olhos da mulher tem lá punhaes occultos,
E ha lá nos corações viboras e cypreste?

Diz'-me, porque baixaste á terra em que eu habito?
Falla; se não tens voz, move os olhos e falla,
Qu'elles tem muita vez mais força do que o grito
Que o peito solta quando o coração estala
E a alma gela-se como um bloco de granito.

Move os braços e assim n'um gracioso gesto
Falla. Diz'-me, mulher, se eu poderei um'hora
Ao teu lado esquecer a vida que detesto.
Move a cabeça e falla, e diz'-me se eu agora
Serei ainda infeliz como te manifesto.

Move as mãos, move o corpo, os pés, os braços, move
A cabeça, o olhar... mas nada moves. Falla.
Nada queres fazer que ante os meus olhos prove
Que és mulher e não pedra. Estatua da ironia,
Nada o teu ser anima e nada te commove.
. . . .

E vejo-a ainda de pé completamente nua.
Fulge-lhe a pelle branca, aromatica, e apenas
Já lhe não queima o sangue onde o desejo estua.
O olhar emudeceu; sobre as pomas serenas
O cabello roçaga e de leve fluctua.

XL

SOLILOQUIO DE MARTHA, LA PIADOSA

(TYRSO DE MOLINA)

A robusta cerviz que o suor inunda
Quando expira o trabalho o boi levanta,
E o que tem o cutello na garganta
Em alguma esperança a vida funda.

Bonança espera, quanto mais se afunda,
O navio que o mar bate e quebranta...
Somente o inferno causa pena tanta,
Porque d'elle a esperança não redunda.

E' commum este bem entre os humanos,
Porque aquelle que alcança mais espera,
E, as vezes, o que espera sempre alcança.

Mas a aspereza dos meus desenganos
De tal modo me afflige e desespera
Que, não posso esperar, nem a esperança.

XLI

Creanças fomos, como tal, tu, louca
De amores foste e eu, louco, te imitava,
Então pelos teus olhos eu me olhava
E tu fallavas pela minha bocca.

E para nós tão cheia se mostrava
A vida que, por certo, havia de ôca
Ser para os outros; pena foi que, pouca
Fosse para quem rindo a desfrutava.

Os annos foram breves como dias ;
Os dias como as horas foram breves;
Esqueçamos passadas fantasias,

Que, se eu fui louco, e se tu foste louca,
Já por meus olhos hoje vejo e deves
Ver que hoje falas pela tua bocca.

XLII

CARTA Á MINHA MÃE

A mão que a minha mão aperta com ternura,
O braço que me estreita, o labio que me louva,
Se me volto essa mão espanca-me e reprova
Meus actos esse labio e o braço me tortura.

Todo o olhar masculino a minha sombra queima,
Envenena-me o passo e embarga-me o caminho.
Martela-me a existencia a interminavel teima
Etre o amor e a traição, entre o odio e o carinho.

Carinho e amor só teus, ó minha mãe saudosa!
Só teus, ó minha mãe! Só teus, ó minha santa,
Que és boa e pura como um sonho cor de rosa.

Quando a noite adormece e a aurora se levanta,
Eu penso em teu amor, eu penso em tua vida,
E sinto o teu olhar dentro de mim aberto,
Vendo-me o coração, e choro, ó mãe querida!
Sentindo-te tão longe, e vendo-te tão perto.

Ah! Felizmente quando em tão precoce idade
Já não posso enchergar meu derradeiro sonho,
Resta-me o teu amor, e esta felicidade
A' todo o gozo humano, embevecido, opponho.

Os annos vão prateando o teu cabello e os francos
Vincos do tempo já transformam-te o semblante,
E eu conto, ó minha mãe, por teus cabellos brancos
Os cuidados que a ti causei de instante a instante.
E vejo-me de novo ao teu seio collado
E ao teu pranto de novo a reflectir-me vejo,
E sabe-me ainda ao labio o liquido sagrado
— O teu leite e o calor sagrado do teu beijo.

Quando o meu riso azul ao teu rosto voava,
Quando o meu docil choro ia buscar teu peito,
Tu sorrias por ver teu filho satisfeito,
Tu choravas por ver que o teu filho chorava.

E eu cresci ao clarão do teu piedoso riso
E á castidade real dos teus santos conselhos,
Mais fecundos e sãos que o sol do Paraiso,
Que as praticas do Christo e a luz dos Evangelhos.
Ah! quem n'aquelle tempo a ti me arrancaria,
Quem me roubara a ti, tu que eras o meu tudo?
E as dores ignorando eu por ti só vivia
A' luz do teu olhar, meu achyllino escudo.
Cego fui! Descuidado a vista relanceando,
Pousei-a n'outro olhar, cujo brilho tão forte
Offuscou-me, e o que vi, fui vendo e me enganando,
Crendo por bem o mal, crendo por vida a morte.
Amei e, ai! neste amor envenenei-me rindo,
E parti sem saber que não tinha saude,
E, quando do veneno o effeito fui sentindo,
Fui descrendo tambem da feminil virtude.
Não de ti, minha mãe, nunca o teu ser evoco,
Sem primeiro evocar a bondade e a pureza,
Porque o teu coração humillimo o colloco
Onde a alma predomina e é nulla a natureza.

Nada no mundo outr'ora a nós nos apartara,
Nem a morte, nem Deus, o invisivel tyranno.
Vencemos morte e Deus... Nada nos separara :
E separam-nos, mãe, cinco dias de oceano.

XLIII

Parece eterna a funda punhalada
Que uma mulher nos vibra e, firme, alcança
O coração no ponto onde a esperança
Dia e noite palpita alvoroçada.

Ah ! que tortura por tomar vingança !
Mas em cima da fibra ainda maguada
Outra mais forte fere, ainda outra, e cada
Ferida nova a antiga dor amansa.

Dentro em breve é prazer o soffrimento.
(Homens, que somos nós? Vis creaturas
Que a mão beijamos ao algoz cruento).

Brilha o punhal em tuas mãos tão finas,
Sangra-me o corpo que sorrindo furas...
Bemdita sejas tu que me assassinas!

XLIV

(DE MIÇKIEWICZ)

a Raul Pompeia

Buscas o meu olhar, ó pomba de innocencia!
Simplicidade! Teme a chamma que fulgura
Nos olhos da serpente, e antes que a sua escura
Influencia te absorva escapa-lhe á influencia.

Ser sincero somente — eis a minha ventura.
Póde inda o teu fulgor aclarar-me a demencia,
Mas quero a solidão, e á tão negra existencia
Porque queres mesclar a tua alma tão pura?

Ame embora o prazer, não quero a tua morte;
O fogo das paixões consummiu-me, creança,
E eu não quero trocar a tua feliz sorte.

Perdeu-se o meu logar no passado sombrio...
Hera viçosa, abraça o tronco da esperança
Que, eu, musgo, abraçarei um tumulo vasio.

XLV

SAUDADE

a Luiz Murat

Ai! d'alma que ama á hora da partida
E que não sabe quando volta e deixa
Entregue ao pranto, em dolorosa queixa,
Ausente, a doce noiva estremecida!

O coração todos os antros fecha,
E, qual n'uma carcerula mettida,
Dentro irrompe a saudade, e a menor brecha
Não ha, por onde tenha a flor sahida.

Cala-se o labio triste, nada exprime.
Mais forças toma a flor, mais forças toma,
A proporção que o vaso se comprime.

Ah ! se um dia a carcerula rebenta...
Oh ! venenosa flor de meigo aroma !
Oh ! aroma de flor que mata e alenta !

XLVI

REMEMORANDO

a Rodolpho Amoedo

Metida tenho a mão na consciencia
E não falo senão verdades puras.

CAMÕES.

Esses mesmos castellos que eu erguia
Outr'ora, illuminados de ventura,
Hoje ainda pelo ar se me afigura
Vel-os, mas cheios de melancolia.

Enche a tristeza o vacuo da alegria,
Olhando-os cresce a minha desventura;
Já nem posso dizer que a noite é escura,
— Ha tanto tempo me fallece o dia.

Dos corações humanos me arreceio ;
Todo olhar feminil tem fel occulto,
Na mais meliflua voz veneno creio.

Sendo o contrario do que fui outr'ora,
Na propria vida vendo-me sepulto,
Só me queixo de vós, minha Senhora.

Po
Em
Se te
Que d

Cada ferida
Amar aquella q
Sahias de um scen
E tornas ao logar don

Dos corações humanos me arreceio ;
Todo olhar feminil tem fel occulto,
Na mais meliflua voz veneno creio.

Sendo o contrario do que fui outr'ora,
Na propria vida vendo-me sepulto,
Só me queixo de vós, minha Senhora.

XLVII

DIANTE DE UM LENÇO

á Anna Passos Guimarães

Porque, meu coração, pensas de novo
Em quem te reduziu a tal estado,
Se tens mais chagas, do que as tem um povo
Que de uma guerra volta derrotado ?

Cada ferida sangra, e ainda procuras
Amar aquella que odiar devias ;
Sahias de um scenario de loucuras
E tornas ao logar donde sahias !

O amor arrasta-te á fatal carreira ;
Gozas a tua lugubre memoria ;
E queres ter a gloria da bandeira,
Que só perdendo trapos ganha gloria.

Della não tens o amor que tinhas dantes,
E este lenço, onde tanta vez choraste,
Ainda recorda os ultimos instantes
De tantos transes porque tu passaste.

Elle contém a historia lacrymosa
Das tuas illusões, dos teus enganos...
Guarda espinhos traidores, como a rosa,
Ou, antes, como os corações humanos.

Olha-o somente, mas os olhos fecha
Incontinenti ao lume que elle espalha.
Nem mais, meu coração, a menor queixa
Diante de um lenço, outr'ora, hoje — mortalha.

XLVIII

MORTE

És negra, és negra, dizem-me os felizes,
Dizem que ao ver-te o vulto atro e sombrio,
Gelam-se os corações, tamanho frio,
Serena, espalhas onde quer que pizes.

E' que tu levas para um céo vasio,
Onde somente as dores tem raizes,
As esperanças todas, e não dizes
Nada a quem fica, nem a quem partiu.

Anjo negro, terror da humanidade,
Morte, estylete que nos toca o fundo
D'alma, enchendo-a de magua e de saudade!

Morte, ha no mundo tanta dor contida!
Que, tu, que findas todo o bem do mundo,
E's a coisa melhor que ha nesta vida.

XLIX

SALAMANDRA

Tão depressa te beijo, e tão depressa
Queima-me o sangue o lubrico desejo
Que, tudo em torno turva-se de pejo
E a negra inveja noto em tudo impressa.

Dos niveos pés á rutila cabeça
Beijo-te toda, e no furor do beijo
Todo o delirio da paixão despejo,
Emquanto o gozo da paixão começa.

Mas, de repente, que mudez sublime !
Nem tu sabes, nem eu que coisas vemos,
Porque só vemos o que não se exprime.

E, ah ! que ventura ver-te em breve erguida,
Salamandra do amor, dentre os extremos
Beijos da morte redobrando a vida.

L

A' terra torna o que da terra veio;
A agua que sahe do vasto mar, um dia
Mais pura do que quando ao céo subia,
Torna de novo ao primitivo seio.

Assim todo o momento de alegria
Que, feliz, de illusões eu via cheio;
As horas de ventura e de receio,
Tudo eu te entrego, como te pedia.

De ti nem quero a pallida lembrança ;
Viverei sem uma unica esperança,
Sem o minimo amor de uma mulher.

Mas no teu peito que viveu mentindo
Põe uma cruz — ao mundo prevenindo
Que és o sepulchro do teu proprio ser.

LI

AMOR, AMOR...

E assim vamos nós dois juntos vivendo
Quanto distantes poz-nos o destino,
Tu do prazer bebendo o licor fino,
Eu da tristeza o negro fel bebendo.

Busquei-te como o exhausto beduino
O oásis fresco busca em febre ardendo;
E hoje, se acaso, vou teu rosto vendo
A agrura, a mais terrivel me propino.

Mais tu me foges, menos te procuro ;
Ora contentes, ora descontentes,
Fitamos ambos o horizonte escuro.

Ris-te, eu rio — que risos differentes !
Tu, por mostrar-me um coração impuro,
Eu, por mostrar-te vingativos dentes.

LII

PRIMAVERA MORTA

a Aluizio Azevedo

Não correspondo ao vosso amor tal como
O amor exige que se corresponda;
Que o motivo mais tempo não se esconda:
Não tenho dentes para o vosso pomo.

O vosso amor é uma mysteriosa ilha,
Ilha encantada — de gorgeio e flores...
Para gozar tamanha maravilha
Somente um coração virgem de amores.

Somente um coração que desconheça
Pezares, penas, maguas, desventuras ;
Coração inimigo da cabeça,
Que, emquanto um ama, a outra faz loucuras

Portanto eu não serei o ente bemdito
Que em vosso amor encontre a melhor gloria ;
Eu... Se me permittis, agora cito
Um conto que me salta da memoria.

II

— Isto passou-se n'um paiz longinquo,
De tradicções e de mulheres bellas.
Se da verdade não está propinquo,
Não vem ao caso analysar novellas.

« Certa princeza que era o enthusiasmo
Do reino de seu pae, pela belleza...
(Eu disse que era bella essa princeza ?
Perdoae-me, Senhora, um tal pleonasmo).

Essa fina Senhora, requestada
Por todos os valentes cavalleiros,
A um tempo só amantes e guerreiros
Todos, por causa de uma só amada ;

Essa dama gentil que nas mãos tinha
Corações dos imperios mais remotos,
Dos soberanos desprezando os votos,
Deusa — sorrindo ás pompas de rainha ;

Enamorou-se um dia de um mancebo,
« O qual » dizia a principal Senhora,
« De tal maneira me feriu, que, agora
Entrego-me, e por elle os ares bebo. »

Nas entrevistas que ruidosos beijos,
Que phantasticos gozos promettiam-se !
Desfaziam-se as almas em desejos
E os corações em sonhos defaziam-se.

Elle os dias passava em desatinos,
Ella occulta á scismar passava os dias ;
Mas nada a côrte suspeitava — finos
São os amantes nas melancolias.

« Não serei tua espoza ; não consente
O rei meu pae, n'essa feliz alliança. »
Ella dizia lastimosamente,
Vendo fugir-lhe aos poucos a esperança.

« Enoja-me esta côrte ! Até que a morte
Leve-me á paz do funebre jazigo,
Eu te maldigo, miseravel côrte,
Desalmada nobreza, eu te maldigo.

Amas-me, amo-te, serei tua, e nunca
Faltarei á promessa que fizemos.
Se este solo de espinhos se nos junca,
Tem seis azas o amor ! Nós fugiremos ! »

Tudo escutava embevecido o amante,
Sem perturbal-a no amoroso curso ;
Inflammado, porém, de instante a instante,
Com beijos pontuava-lhe o discurso.

E se um abraço ambos trocavam quando
No assignalado ponto se juntavam,
E' claro qua o final adeus trocando,
Com esse adeus abraços mais trocavam.

III

O acaso, o acaso... é, por exemplo, a venda
Pseuda que o somnambulo tem nos olhos;
Ora a trilha do gozo lhe desvenda,
Ora desvenda-lhe infernaes abrolhos.

Com ella ás vezes a ventura aperta,
Sacca a verdade do lendario vazo,
Outras, por infeliz, rapida e certa
A morte encontra. Quem lh'a deu? O acaso.

Foi assim que uma vez — acaso extranho!
Acaso inexplicavel! Sorte crua!
Por se occultar ou por... Não sei. No banho
Achou-se o moço em frente á moça nua.

Pende-lhe a coma em rutilos novellos;
Em rapido e instinctivo movimento
Ella encobre com as mãos o que os cabellos
Cobrir não podem para seu tormento.

Dois olhos fitos e dois olhos baixos ;
Mudos os labios, ambos elles quedos ;
Mas a pelle fulgia dentre os cachos
E as partes castas atravez dos dedos

Ella, porém, de chofre, n'um arranco
Ergueu-se allucinada, em desvario,
E expoz o corpo nitido e tão branco
Como ao luar um marmore luzidio.

Os braços ergue — e sob a axilla assoma
Um leve pello transparente, e logo
Arfam tremulas uma e outra poma,
Como se houvesse dentro dellas fogo.

Do ventre fulgurava a suave face,
Face de eburnea esphera, e nua inteira,
E' possivel que nada lhe faltasse...
— Mas faltava-lhe a folha de parreira.

E como uma serpente, em alvoroço,
De um salto sobre o amante, voluptuosa,
Cahe a princeza, cinge-lhe o pescoço
E aperta-o n'uma convulsão nervosa.

Aperta-o, beija-o, choca os dentes, louca...
Elle immovel e mudo, no entretanto,
Se palavras não tem a sua bocca
Fallam seus olhos humidos de pranto.

Nada percebe a dama e no delirio
As vestes ao mancebo dilacera.
Descobriu a nudez todo o martyrio:
Das roupas um eunucho apparecera. »

IV

Vede, Senhora, que este caso applico
A mim que, para amar, tenho òco o peito,
E ante o céo que me abris immovel fico,
Quando ficar devera satisfeito.

Gozo, consolação, paz, eu ignoro,
Sonho-os somente pelos céos n'um plaustro
Rapido, e quando alguem diz-me: «eu te adoro!»
Ouve-me o echo lugubre d'um claustro.

Credes que tenho vida, mas engana
Muitas vezes a juvenilidade.
Dos meus olhos a luz tibia se empana,
Bruxoleando, como uma saudade.

Sou como de uma obra um tomo escapo,
Só me serve o perdido e gemeo tomo ;
Só por elle eu seria ardente e guapo...
Não tenho dentes para o vosso pomo.

INDICE

INDICE

I

II